

VOZ OPERÁRIA

N.º 247 ☆ Rio de Janeiro, 6/2/1954

PROGRAMA

Do Governo de Vargas

CONTRÔLE AMERICANO DA CENTRAL PARA AUMENTAR O SAQUE DO BRASIL

(Reportagem na Página Central)

EDITORIAL

A Luta Pelo Novo Salário Mínimo E o Programa do P.C.B.

Aquire amplitude e combatividade cada dia maiores a campanha pela elevação dos atuais níveis de salário mínimo. Nesta luta a classe operária, à frente das grandes massas trabalhadoras, dá uma viva demonstração de que não se submete passivamente à política de Vargas, de esmorecimento do povo, e revela ao mesmo tempo a sua inabalável disposição de não ceder às insidiosas manobras do governo.

A adoção do novo salário mínimo é uma exigência das necessidades vitais dos trabalhadores de todo o país. As próprias estatísticas oficiais demonstram que, no Distrito Federal por exemplo, enquanto o salário mínimo na indústria é de 1.200 cruzeiros, o mínimo indispensável para que uma família possa viver se eleva a 3.100 cruzeiros. E quando se sabe que em 15 capitais brasileiras o salário mínimo oscila entre 500 e 700 cruzeiros, pode-se ter uma idéia ainda mais clara dos sofrimentos e privações por que passam os milhões de trabalhadores em nossa terra. Não se pode, por isso, deixar de aplaudir as observações feitas com tanta lucidez pelo eminente professor Josué de Castro, segundo as quais «se os níveis mínimos de salário não forem imediatamente elevados, o povo morrerá mais depressa de fome aguda».

A reivindicação que fazem os trabalhadores no sentido da decretação do novo salário mínimo choca-se frontalmente com a política de Vargas, que consiste, de um lado em assegurar lucros crescentes aos grandes capitalistas, sobretudo os monopólios norte-americanos, e de outro lado em acelerar a carestia de vida e desvalorizar, dia a dia, os salários e vencimentos. Nada, portanto, podem os trabalhadores esperar deste governo esfomeador. Getúlio, Jango e seus serviços utilizam uma linguagem demagógica e se desdobram em intermináveis promessas para encobrir a odiosa manobra de retardar a adoção do novo salário mínimo e decretá-lo, afinal, abaixo do que exigem as massas.

A conquista desta reivindicação só poderá ser fruto, portanto, de uma luta enérgica e decidida, fruto principalmente da unidade de ação e da organização da classe operária. Torna-se necessário, pois, através de um trabalho diário e persistente, fortalecer a unidade de ação de todos os trabalhadores, imprimir uma intensa atividade, realmente de massas, aos sindicatos e às organizações nos locais de trabalho, ganhando toda a classe operária para ações unitárias de envergadura, que levem à vitória esta sentida reivindicação dos trabalhadores de todo o país.

Magníficos exemplos de amplitude e combatividade nesta campanha são as manifestações de massa que vêm se verificando ultimamente em todo o Brasil. Dentre essas manifestações, teve especial relevo o comício promovido pelos trabalhadores cariocas na Esplanada do Castelo. Este comício foi, na verdade, uma impressionante manifestação da força e da unidade cada vez mais sólida do proletariado e uma indiscutível prova de amadurecimento político da classe operária. Este amadurecimento político dos trabalhadores revelou-se particularmente no fato — destacado por um jornal como o «Diário Carioca» — de terem sido delirantemente aplaudidos pela grande massa a «Imprensa Popular», alvo de verdadeira consagração, e o deputado que no Parlamento representa o Partido Comunista. Fatos como este indicam que as massas, repudiando a demagogia de Vargas, Jango e seus comparsas, vêm nos comunistas os mais firmes e abnegados defensores dos seus interesses, a única força que efetivamente dirige e conduz até a vitória os anseios e reivindicações de todos os trabalhadores.

O reconhecimento desta realidade mostra que o P.C.B. é o verdadeiro partido da classe operária, o partido que é a esperança do povo brasileiro. Na luta pela conquista do novo salário mínimo, os comunistas são os infatigáveis campeões da mais ampla unidade de ação dos trabalhadores. Mas o P.C.B. não se limita à defesa das reivindicações econômicas. Ao lutarem pelo novo salário mínimo, os comunistas esclarecem aos demais trabalhadores que unicamente com a conquista de um governo democrático de libertação nacional poder-se-á concretizar a exigência que formula o Programa do P.C.B.: «fixação do salário mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas para os operários e suas famílias em todo o país.» Estreitamente ligados às massas, os comunistas indicam assim as soluções política para os atuais problemas brasileiros. Ajudam os milhões de trabalhadores — nossos companheiros de sofrimento e de lutas — a se convencerem da justeza da solução apresentada no Programa do P.C.B. para as questões da classe operária e de todo o povo.

Os comunistas conduzem a classe operária na luta pelas suas reivindicações parciais e imediatas, como a conquista do novo salário mínimo, e apontam no processo dessas lutas o caminho da formação da mais ampla frente única anti-imperialista e antifeudal, da luta pela conquista de um novo poder, o governo democrático de libertação nacional, capaz de satisfazer as aspirações da classe operária, livrar o Brasil da odiosa dominação imperialista norte-americana, liquidar o latifúndio e os restos feudais e assegurar a paz, a liberdade e o bem-estar para o povo brasileiro.



PROGRAMA SECRETO DE UM VENDE-PÁTRIA

(Leia na página central)

Há Doze Anos a URSS

E' o Baluarte da Unidade Alemã

(REPORTAGEM RETROSPECTIVA NA PÁGINA 9)

TRIBUTO COLONIAL

DE 20 BILHÕES:

**Cada Brasileiro
Trabalha de Graça
Um Mês Por Ano
Para os Ianques**

(Página 3)

Programa do P.C.B. O Povo Debate o Programa do P.C.B. O Povo Debate o

O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO É O ENTRAIVE PARA O NOSSO PROGRESSO

O PROGRAMA do Partido Comunista do Brasil é o mais importante documento lançado nos 31 anos de vida do Partido. Ele facilita a mais ampla participação de todo o povo na luta pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo norte-americano, que constitui o inimigo principal do Brasil.

O imperialismo americano é o entrave para o nosso progresso, apoio dos grandes latifundiários e grandes capitalistas que constituem o governo de Vargas. Quando precisamos de tratores para nossa lavoura, o imperialismo americano nos dá enxada, controla a energia elétrica; ao invés de máquinas para a indústria e a agricultura ele nos fornece canhões, navios de guerra imprestáveis, aviões que não mais lhes servem. Por fim, ocupa o nosso solo mantendo bases concedidas pelo governo de traição nacional de Getúlio.

O imperialismo americano desmantela nossa cultura, impede a população de elevar seu nível cultural. Além disso impede que mantenhamos relações com países mais avançados. São, portanto, inimigos jurados de nosso povo. Por que o Brasil não restabelece relações com a URSS? Por que o nosso café não é vendido diretamente à URSS da mesma maneira que o trigo soviético nos poderia ser vendido diretamente? É porque os americanos querem impor-nos à força os seus produtos pelos preços que bem entendem e comprar-nos os nossos por preços insignificantes.

Em consequência, o que ocorre? O pão é objeto de luxo, os camponeses tomam escória do café, os camponeses vivem amarelos de fome. Os camponeses que plantam com dificuldades algum feijão, milho, batata, arroz, só depois de 6 meses podem fazer a colheita. Enquanto isso, sem proteção alguma do governo, são

obrigados a comer até banana verde para não morrer de fome. Chegada a colheita o trabalhador é coagido a entregar parte ao fazendeiro. O que sobra mal dá para o seu sustento e o de sua família.

Quem ganha por dia também percebe uma miséria. Em Santa Maria Madalena, Estado do Rio, há pouco tempo a diária era de 9 cruzeiros mas, também, aqui próximo do Distrito Federal, em Guapimery, há trabalhador com 5,00 por dia só para não morrer de fome.

Todos os camponeses sofrem com a opressão dos grandes senhores de terras, que têm o apoio do imperialismo norte-americano.

É justamente, por isso que o Projeto de Programa do P.C.B. indicando o caminho a seguir pelo nosso po-

vo, dirige o seu fogo contra o imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos, os grandes latifundiários e grandes capitalistas que causam a ruína de nossa pátria e o atraso e a miséria do nosso povo.

O Programa reflete os interesses de todo o povo, da maioria esmagadora da nação. Operários, camponeses, a pequena burguesia, a burguesia nacional não ligada ao imperialismo reconhece nele o seu Programa. Todas essas classes e camadas unidas em frente única de libertação nacional, derrotarão o imperialismo americano e seus sustentáculos internos, representados pelo governo de Vargas. Com a classe operária em aliança com os camponeses, aplicando o Programa, conseguiremos um regime de democracia popular que trará a felicidade para todos os brasileiros. — JOÃO E. MOREIRA, D. Federal.

O PROGRAMA DO PCB E A ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Prezados camaradas:

Como militante do nosso glorioso Partido Comunista do Brasil, não podia deixar de expressar a satisfação e o justo orgulho de que me acho possuído, ao verificar que o nosso Partido tem hoje de fato um poderoso instrumento revolucionário em suas mãos, representado pelo Projeto de Programa do P.C.B.

Levando em conta as leis do desenvolvimento social e aplicando-as com justiça à realidade brasileira, os nossos camaradas do Comitê Central, orientados por Prestes e iluminados pelos ensinamentos do XIX Congresso do Partido Comunista da URSS, puderam traçar um Projeto de Programa que atende às aspirações da maioria esmagadora da população brasileira e isola as forças do imperialismo americano, dos latifundiários e grandes capitalistas,

que devem ser esmagadas pela frente única de todas as forças democráticas, progressistas, patrióticas, nacionais e populares de nosso país.

Dada a importância do documento que ora discutimos, desejo fazer algumas propostas que, a meu ver, tornariam mais claro o Programa. Assim, proponho:

1) Trocar os dois sub-títulos primeiros do III Capítulo, passando «Regime Político Democrático Popular» para o primeiro lugar e «Política Externa e Defesa da Independência Nacional», para o segundo. Parece-me que assim o Programa ficaria mais encadeado, pois a conquista de um regime político democrático-popular é o objetivo essencial do nosso Partido e todas as outras reivindicações dependentes desta.

2) No item 24 caracterizar o que entendemos por impostos injustos. É certo que um Programa não levanta todas as reivindicações possíveis e necessárias, mas é apenas uma síntese delas. Nesse caso, entretanto, não se trata de nova reivindicação, mas ape-

nas de defini-la. Penso que se devia falar claramente na aplicação dos impostos indiretos, entre outros.

3) e, por último, no item 7, que o Presidente da República seja eleito pelo Congresso e responsável perante ele. Não me parece justo que o presidente seja eleito em eleição direta pelo povo, pois assim inevitavelmente se colocará em igualdade de condições com o Congresso, sendo ambos mandatários diretos do povo. Nesse sentido o Projeto de Programa atual dá um passo atrás, inexplicavelmente, em relação à posição anterior do Partido. Quais os argumentos que se podem apresentar, para defender a eleição direta do Presidente? Em 1.º lugar a tradição. Mas, nós não somos favoráveis a toda e qualquer tradição, tanto assim que o próprio Projeto de Programa é um ataque frontal à tradição de atraso e de miséria em que vem sendo mantido o nosso povo desde que o Brasil foi descoberto.

Um outro argumento seria de que o presidente eleito diretamente poderia eventualmente, contrabalançar um Congresso onde a maioria não fosse de elementos anti-feudais e anti-imperialistas. Mas esse argumento é falho, porque se não tivermos força para eleger uma maioria de representantes democratas, progressistas nacionais, libertadores e populares, muito menos a teremos para eleger um presidente da República através do voto majoritário. Por ora é só. Procurarei novos argumentos e voltarei ao assunto.

Saudações proletárias. a) Antonio Meneses — Taubaté, 21 de janeiro de 1954.

PROGRAMA DE UM NOVO REGIME, O PROGRAMA DO P.C.B.

O POVO brasileiro possui hoje um projeto de programa apresentado pelo Partido Comunista do Brasil. Programa que representa, na sua apresentação, um quadro real da situação de nossa Pátria, de miséria e dominação imperialista por parte do governo dos Estados Unidos da América do Norte.

Sendo um documento que analisa profundamente a situação de nossa Pátria, baseado na ciência do Marxismo-leninismo, nosso partido indica ao povo brasileiro o caminho da salvação nacional, o caminho da mudança de regime para a formação de um verdadeiro governo popular, forjado na luta contra a dominação imperialista norte-americana.

O programa caracteriza o imperialismo norte-americano como nosso principal inimigo, o abutre que tenta lançar a juventude brasileira nos campos de batalha, numa guerra de rapina e destruição da humanidade, aniquilamento da gloriosa União Soviética e dos povos das democracias populares, a paz e a vida feliz que a custa de muito esforço e luta contra o nazismo, conseguiram conquistar.

A preparação para a guerra contra Vargas um subversivo de estilo mais requintado, enfim, um administrador de colônia com chicote à mão.

A preparação para guerra, vem determinando uma intensiva repressão aos lutadores

pela Paz; os imperialistas botam de fora não apenas as unhas mas, de corpo inteiro, se apresentam nas redações dos jornais de «adidas», nas repartições públicas com cartórios e departamentos montados. Nos quartéis de nosso glorioso exército; se apresentam como teatros de guerra de patriotas, na polícia, dirigindo inquéritos e comandando as mais desumanas atrocidades aos brasileiros que lutam contra a entrega de nossas riquezas ao imperialismo norte-americano, assassinando a todos aqueles que não se dobram diante dos conquistadores.

A inevitabilidade da revolução brasileira na etapa atual, diz o nosso Programa, é uma revolução anti-imperialista e anti-feudal, é uma revolução feita pela vontade das massas populares que não suportam mais o alto grau de colonização e a miséria que aumenta dia após dia.

A grande frente única de todos nós na luta pelo novo regime de salvação nacional, requer um conhecimento por parte da maioria do povo, do Programa que o PCB apresenta.

A formação da frente nacional libertadora é uma tarefa que depende de nossa capacidade de dominar o Programa. Por isso não basta apenas que seja lido, devemos estudá-lo, discutir profundamente seus ensinamentos, pois somente assim, poderemos nos sentir ganhos para o Programa, e sabermos convencer ao povo da sua justiça e da necessidade de um Governo Democrático de Libertação Nacional.

Cordiais saudações (as) Raimundo Alves.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta: Sob que aspectos coincidem os interesses dos latifundiários e grande capitalistas com os interesses dos imperialistas norte-americanos em nosso país?

(OLINTO BARBOSA — FORTALEZA, CEARÁ)

RESPOSTA: A identidade de interesses entre os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros e os imperialistas norte-americanos se verifica sob três aspectos principais, como esclarece o Programa do P.C.B., no seu II capítulo.

Os latifundiários e grandes capitalistas de nosso país, do mesmo modo que os imperialistas americanos, desejam uma nova guerra mundial para ganhar bilhões neste negócio sangrento. Com a guerra crescem enormemente os lucros dos latifundiários e grandes capitalistas, que passam a vender por preços exorbitantes as matérias primas e gêneros alimentícios produzidos no país. Todos se recordam de que, na 2ª. guerra mundial, enquanto a humanidade perdia milhões de vidas úteis, os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros acumularam rapidamente fortunas fabulosas. O exemplo recente da guerra da Coreia — mesmo não se tratando de uma guerra mundial — comprova também como os homens do latifúndio e da grande burguesia têm os seus interesses ligados à guerra. A revista oficial «Conjuntura Econômica», comentando a cessação das hostilidades na Coreia, revelou que este fato trouxe «efeitos desfavoráveis em nosso comércio exportador», isto é, diminuiu os lucros dos latifundiários e dos monopólios do comércio de exportação.

Os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros estão igualmente interessados, tanto quanto os imperialistas norte-americanos, em esmagar a luta de nosso povo pela independência e o progresso da nação, pela conquista de uma vida livre e feliz. Estabelecem, por isso, um sistema único de opressão, não permitindo que o povo brasileiro desfrute dos direitos democráticos e não vacilando em lançar mão do mais brutal terrorismo contra as massas.

Sentindo medo crescente do povo, os latifundiários e grandes capitalistas não trepidam em entregar o Brasil aos imperialistas americanos, transformando a nossa pátria em colônia dos Estados Unidos, em troca das armas e dos dólares lanques que as sustentam no poder.

Os latifundiários e grandes capitalistas, enfim, traem o país e o arrastam à guerra com o objetivo de conservar o latifúndio e as sobrevivências feudais e escravistas na agricultura, base econômica em que se apoia o atual regime político imperante no país, que assegura lucros cada vez maiores às classes dominantes. Também aí os seus interesses coincidem com os dos monopólios lanques. Ao imperialismo norte-americano interessa manter o monopólio da terra e os restos feudais no Brasil, pois é este o seu principal ponto de apoio para levar adiante a sua política agressiva, guerreira e colonizadora. É precisamente por este motivo que a pretensa ajuda americana ao Brasil, visa, ao mesmo tempo, sufocar a indústria nacional e reforçar o monopólio da terra. Este interesse dos imperialistas lanques tem sido abertamente manifestado por todos os seus porta-vozes. Milton Eisenhower, por exemplo, no relatório sobre a viagem que fez, no ano passado, à América Latina, inclusive ao Brasil, declara que tem sido «excessivamente rápida» a industrialização nos países latino-americanos e que é preciso haver maior preocupação pelas atividades agrícolas.

Há, portanto, uma perfeita identidade de interesses entre os latifundiários e grandes capitalistas e os imperialistas norte-americanos. Como resultado desta identidade de interesses é imposta ao país uma política anti-nacional e anti-popular, cujo fiel executor é o governo de Vargas. Por isso, diz o Programa do P.C.B.: «Se queremos viver e prosperar, se queremos que nossa pátria alcance o futuro radioso a que tem direito, se queremos nos livrar da odiosa escravidão americana e tirar o nosso povo do atraso, da miséria e da ignorância em que vegeta, é indispensável acabar com o regime dos latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas americanos, derubar o governo de Vargas.

O PCB SERÁ A GARANTIA PARA O CUMPRIMENTO DO PROGRAMA

Com o projeto de Programa do PCB têm agora todos os patriotas brasileiros a arma que estava faltando para levar o nosso povo, de maneira consciente e organizada, a derrotar o governo de latifundiários e grandes capitalistas de Getúlio e expulsar do Brasil o imperialismo americano, inimigo irreconciliável do nosso povo para então implantar o regime democrático popular. Como nos ensina o grande Prestes, no seu magistral Informe sobre o projeto de Programa do PCB, além da agitação e propaganda, «é indispensável a ação, a atividade permanente, constante e persistente dos comunistas entre as massas nos locais de trabalho e de residência, nas organizações de massas de toda espécie e, inclusive, o trabalho individual junto a cada homem ou mulher jovem ou velho». Apesar de aumentar diariamente o grande prestígio dos comunistas junto às grandes massas, nós não temos dúvidas que ainda existe uma considerável parcela da população que, influenciada, em parte, pela poderosíssima propaganda da burguesia, cuja propaganda é facilitada pela feroz perseguição aos jornais populares e seus leitores, ainda tem honestamente certas dúvidas com relação à sinceridade de propósitos do PCB. Chega a haver entre o povo elementos honestos que por terem acreditado nas promessas de vários homens e partidos políticos em vésperas de eleições e tendo sido traídos todas as vezes, hoje não acreditam em mais ninguém, alegando que todos os políticos são iguais, que quando chegam ao poder traem o povo. Como se sabe, basta um desses elementos entre as massas para influenciar outros também honestos, aos quais não bastará a simples entrega do Programa. Cabe, não só aos comunistas, como também a todos aqueles que por acompanharem a abnegação destemida e competente atuação de

Cavaleiro da Esperança e seus companheiros de Partido e por isso têm certeza absoluta de que em hipótese alguma o Partido Comunista trairá o povo, transmitir a sua convicção a quem dúvidas tiver. Esta tarefa será grandemente facilitada se todos nós, além de estudarmos, nos seus mínimos detalhes, o Programa, fizermos o mesmo com o projeto de Estatutos adotado pelo Pleno do CC do PCB pois somente um Partido cem por cento honesto poderia elaborar e aprovar tais Estatutos.

O PCB com sua honestidade comprovada será a garantia do cumprimento do Programa, cumprimento esse que será facilitado pelo fato de todos os seus aliados, inclusive a pequena burguesia e a burguesia nacional verem nisso o seu interesse assim como o do Brasil. Que existem condições para levar o nosso povo à vitória não temos dúvidas, pois nos lembramos de que os povos da URSS, mesmo cercados de países inimigos, é um exemplo para estimulá-lo na luta de libertação. Portanto, nós além de todas as condições internas favoráveis, contamos com a experiência e a solidariedade de 800 milhões de seres humanos já libertos e ainda com a solidariedade de todos os comunistas e demais democratas dos países capitalistas.

Como ninguém é inimigo de si próprio, bastará ao nosso povo, apenas, conhecer a realidade, saber que no Programa do PCB está a sua felicidade e o futuro dos seus filhos, a grandeza e a independência do Brasil e o fortalecimento da luta pela paz (com a retirada do Brasil do campo da guerra), para que o pequeno grupo de traidores e inimigos da nossa pátria seja derrotado.

São Paulo, 26/1/54.

Jorge BENEFZ

Tributo colonial de 20 bilhões

Cada Brasileiro Trabalha de Graça Um Mês Por Ano Para os Americanos

CARLOS DUARTE

O PROGRAMA apresentado ao povo pelo Partido Comunista do Brasil levanta um problema imediato de maior importância para a vida nacional: a ruptura das cadeias que nos prendem ao voraz imperialismo norte-americano.

«Os imperialistas norte-americanos — diz em admirável síntese aquele documento — interferem diretamente em toda a vida administrativa do país, põem a seu serviço o aparelho de Estado brasileiro para explorar e oprimir desenfreadamente nosso povo, saquear os recursos naturais do país e arrancar lucros máximos».

Eis aí algumas verdades incontestáveis, a que os fatos dão a mais absoluta confirmação. Os brasileiros que amam sua Pátria sentem que se o povo não fizer mudar esta situação caminharão para a perda total de nossa soberania e nos transformaremos numa colônia dos milionários de Wall Street. Não há sequer uma sombra de exagero na afirmação de que dia a dia podemos terreno dentro de nossa casa, cedemos posições vitais para a nossa independência econômica e política e que, se isso continuar, teremos de ser despejados de todos os bens materiais que possuímos, pois não é outra coisa o que os imperialistas norte-americanos querem.

Enranchados nos pontos estratégicos da economia nacional, tendo sob seu controle o fornecimento de produtos essenciais à indústria e à agricultura, dispoem do monopólio do nosso comércio exterior, possuindo minas, fábricas e terras no território nacional, controlando os bancos e os postos-chaves do governo, os imperialistas norte-americanos arrecadam ao Brasil quantias astronômicas que, se retidas no país, bastariam para a solução de numerosos problemas básicos de nosso povo.

Infelizmente as informações disponíveis não nos permitem determinar com exatidão os danos que nos causam os monopólios ianques, nem avaliar precisamente o produto total de sua extorsão. Ignoramos até hoje o montante exato dos capitais vindos dos Estados Unidos ou pertencentes a investidores norte-americanos; desconhecemos a cifra correspondente aos dólares ou cruzeiros que aqui acumulam ou retiram a título de lucros, royalties ou rendimentos outros.

Nosso sistema estatístico, que deveria servir antes de tudo aos interesses nacionais, adaptar-se às exigências do desenvolvimento econômico e social do país, está fundamentalmente impregnado do espírito de dependência colonial que perdura em todos os nossos órgãos da administração pública. Orienta-se no sentido de atender às solicitações da «metrópole» que aqui tem à sua disposição os elementos de informação mais necessários ao seu comércio, os dados mais minuciosos sobre as relações de troca internacionais, estimativas precisas das safras de nossos principais produtos de exportação, indicações seguras sobre nossa «provisão a importar», levantamentos sigilosos de interesse militar, etc., etc.

Entretanto recentes infor-

mações publicadas pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, revelam que os capitalistas norte-americanos tiveram, no Brasil, em 1952, a renda bruta de 148 milhões de dólares, o que equivale em moeda nacional a 7.400 milhões de cruzeiros. A julgar por esses elementos, que levantam a ponta do véu em um assunto que tem sido guardado em mistério por tanto tempo, os capitais aplicados pelos banqueiros e industriais ianques em apenas 120 empresas, rendem em nosso país mais de um terço dos lucros declarados ao Imposto de Renda por 324.000 empresas contribuintes!

Sabemos nós, e sabe muito bem o Departamento de Comércio, que essa não é a principal fonte de renda dos monopólios norte-americanos que saqueiam os brasileiros. No grau a que atingiu a penetração ianque, que invade todos os poros da vida econômica, política, social e cultural do país, outras fontes de espoliação, muitas delas invisíveis, asseguram-lhes rendas fabulosas. Nessa categoria incluem-se as trocas comerciais entre o nosso país e os Estados Unidos, que se aproveitam da situação de um odioso monopólio para impor seus produtos de exportação a preços acima de valor e para forçar a baixa de preços das matérias-primas que temos de vender-lhes.

Os capitalistas norte-americanos conseguiram por meio de ultimos do tipo do «Battle Act» e de «acórdãos» militares firmados com o governo brasileiro e vários outros de países dependentes, liquidar na prática a liberdade de comércio, golpear a concorrência entre as nações produtoras e desagregar o mercado mundial único. Com isso garantiram para si o monopólio de fato do comércio internacional com os países capitalistas e passaram a colher, em todas as transações compulsórias que realizam, incalculáveis benefícios.

Ao promoverem a desagregação do mercado mundial único, os Estados Unidos ficaram com o exclusivo do domínio do comércio de matérias-primas no mundo capitalista e conquistaram o privilégio de estabelecer preços de acordo com os seus próprios interesses. A desagregação do mercado mundial único possibilitou também aos Estados Unidos o privilégio de exportar, quando e como desejam, os materiais excedentes produzidos em sua indústria, por preços extraordinariamente elevados, para as nações submetidas à sua esfera de influência.

Em consequência dessa política de dominação dos mercados capitalistas, os monopólios norte-americanos podem canalizar para os Estados Unidos imensas fortunas e inumeráveis riquezas, ao mesmo tempo que desanagram os demais países deixando-os cada vez mais pobres.

Nosso país sofre incessantemente os efeitos de tais atos de pirataria internacional, entre os quais se inclui o imundo golpe que nos foi aplicado há dois anos e de que resultou a demissão do sr. Simões Lopes da presidência da CEXIM. Como se tornou público e notório pelas declarações feitas à época pelas autoridades brasilei-

ras, o governo dos Estados Unidos fez tremenda pressão no sentido de que o Brasil importasse quantidades enormes de produtos americanos para estocagem, sob pretexto de que a guerra estalaria a qualquer momento. Os grandes negociantes importadores foram «aconselhados» a comprar o máximo que pudessem e, em virtude disso, adquirimos em 1951 cerca de 15 bilhões de cruzeiros de mercadorias, duas vezes mais do que havíamos recebido no ano anterior. Daí resultou ficarem totalmente esgotadas nossas reservas de divisas, e que fôssemos obrigados a contrair divisas (as chamadas «atrasadas comerciais») no valor de 300 milhões de dólares que estamos pagando a altos juros e amortizando na razão de 1,5 bilhões de cruzeiros por ano. Em 1952 importamos, ainda sob pressão, outros tantos 15 bilhões de cruzeiros, quando nossa exportações apenas atingiram 13 bilhões, deixando-nos um déficit de 2 bilhões de cruzeiros nas trocas com os Estados Unidos. Mas não só fomos obrigados a comprar muito mais do que necessitávamos, como o fizemos a preços escorchantes.

Nos últimos tempos tem proladado cada vez mais a não equivalência nas relações de comércio entre o Brasil e os Estados Unidos. Se tomarmos como ponto de partida o ano de 1915, verificaremos que, naquele ano para adquirirmos uma tonelada de máquinas, ferramentas e utensílios, que custava em média Cr\$ 1.330,00, precisávamos

exportar 2.300 quilos de mercadorias produzidas no Brasil. Em 1925 porém, para obtermos uma tonelada dessas mesmo meios de produção, cujo valor médio se elevava já a Cr\$ 36.500,00, precisávamos exportar 5.800 quilos de mercadorias brasileiras, isto é, quase o triplo da quantidade requerida antes. Quer isso dizer que hoje trabalhamos quase três vezes mais para comprar o mesmo que comprávamos em 1915, ou, em outras palavras, estamos dando de graça aos monopólios americanos, em relação à equivalência de há 37 anos, mais 3.500 quilos de mercadorias nacionais para cada tonelada de meios de produção vindos dos Estados Unidos.

Para tornarmos esses cálculos mais compreensíveis, vamos reduzir a dinheiro o produto da pilhagem que atualmente sofremos dos capitalistas ianques. Concluiremos, assim, que em 1952 pagamos aos fornecedores norte-americanos 15 bilhões de cruzeiros pelo que deveria valer uma terça parte ou apenas 5 bilhões, sendo portanto de 10 bilhões de cruzeiros o montante da extorsão de que somos vítimas, em um ano de comércio com os Estados Unidos.

Se adicionarmos esses 10 bilhões aos 7,4 bilhões da renda bruta confessada pelo Departamento de Comércio e computarmos o produto de outras rendas menores proveniente de juros de empréstimos, royalties e algumas fontes mais, teremos que os tributos coloniais arrancados dos brasileiros devem alcançar a pelo menos

Revoada Guerreira

AVIOES a jato norte-americanos de vários tipos exibiram-se novamente no Distrito Federal e em São Paulo, poucos dias depois das «acrobacias» executadas nos céus brasileiros pelos aparelhos do porta-avião «Roosevelt». Enchendo colunas em torno de um «estrondo sônico» e com as «façanhas» dos agressivos soldados do imperialismo, alguns jornais da «sadia» procuraram em vão dar caráter popular a essa «revoada» do pretense «Cruzeiro de Boa vontade pelas Américas». O fato é que o povo não desconhece que entre tais «visitantes» figuram alguns dos massacradores das populações civis e arrazadores de cidades pacíficas da martirizada Coreia, ali onde a «boa-vontade» ianque se apresentava com sua verdadeira face nas incendiárias bombas de «napalm» e nas infames bombas bacteriológicas.

Mas, enfim, qual a razão da aparatosa «visita» bélica? Por que se sucedem ultimamente os «turistas» militares americanos, os porta-aviões, os aviões a jato? A

respeito desses cruzeiros de elementos armados, convém recordar a declaração do almirante norte-americano D. V. Gallery, em maio do ano passado, sobre visitas semelhantes da esquadra ianque. Disse ele: «Mesmo em tempo de paz, uma poderosa marinha serve a muitos objetivos de longo alcance. A presença desses navios em tempos e lugares críticos não é acidental. A Marinha manda os ai a pedido do Departamento de Estado.»

Essa confissão esclarecedora torna fácil de compreender que papel semelhante é atribuído à «United States Air Force». As «visitas» aos soldados do imperialismo ianque não estão, evidentemente, desligadas das provocações que os norte-americanos fazem contra a República da Guatemala, visando a uma intervenção nesse país. Mais amplamente ainda, não se desligam dos preparativos para a Conferência de Caracas.

Nosso povo, amante da paz e da liberdade, revele os seus desconfianças preparativos e liros.

20 bilhões de cruzeiros anuais.

Tal cifra fabulosa pesa nos ombros de todo o nosso povo e constitui uma sobrecarga insuportável, de que teremos de nos alijar o mais cedo possível. Dado que em 12 meses de atividade o trabalho dos brasileiros produz uma Renda Nacional estimada em aproximadamente 240 bilhões de cruzeiros, é possível afirmar que a totalidade da população ativa do Brasil trabalha de graça durante um mês em cada ano para pagar aqueles 20 bilhões aos capitalistas norte-americanos.

Está aí, em linhas gerais, quanto nos custa a infame política de «amizade», «ajuda» e «colaboração» conduzida com tão nojento servilismo pelo governo do sr. Getúlio Vargas. Não resta a menor dúvida que é com toda razão que o Partido Comunista propõe perante os brasileiros imediata ruptura com essa política que nos arrasta à miséria, que nos impede de reter no país o produto de nosso trabalho, que perturba o desenvolvimento da economia nacional e entrava o caminho para o progresso, a felicidade e o bem-estar do nosso povo.

O «Newlook» do Militarismo Ianque

LOGO após a guerra os mais famosos modistas do mundo lançaram o «new look» na indumentária feminina, a «nova moda» que se resumia na volta à «velha» moda do vestido comprido. Pois bem, Eisenhower e os bosses da política norte-americana agressiva também têm hoje o seu «new look» que representa a adoção oficial, pelo governo ianque, das teses arqui-reacionárias dos belicistas mais enfiurecidos dos Estados Unidos: — os monopolistas da fabricação de armas atômicas.

Que é exatamente o «new look» de Eisenhower? Ao informarem sobre o projeto de Orçamento enviado em fins de janeiro à apreciação do Congresso dos Estados Unidos, os comentaristas oficiais ianques destacaram que o orçamento norte-americano apresentava-se-lhe diminuído para 1954-55 (em relação a 1953-54), e procuravam acentuar a redução nas verbas de «defesa» (Lê-se: preparativos de agressão). No entanto, diziam tais comentaristas, «o programa de energia atômica será maior do que nunca».

De fato, o significado dessa «nova política» foi explicado com cínica desfaçatez por Foster Dulles diante do Conselho para as Relações Exteriores, em Nova York. Enumerou ele uma série de medidas, como o «afastamento» das forças de terra americanas do continente asiático, ênfase na marinha e na aviação, para destacar finalmente: — «apoiar-se mais nas armas atômicas como dissuasor da agressão». Ou, em outras palavras, desta vez citando textualmente o canibal Foster Dulles: — «apoiar-se, em primeiro lugar, numa grande capacidade de atacar instantaneamente com os meios que escolhermos e nos lugares que escolhermos» (com a bomba atômica, naturalmente).

Essa «nova» política de «dissuasão» que se expressa na Mensagem de Eisenhower sobre o Orçamento dos Estados Unidos, expõe de corpo inteiro o imperialismo americano como uma fera agressiva, disposta a todos os crimes contra a humanidade. O Orçamento confirma inteiramente que o «pool» atômico proposto em dezembro por Eisenhower não passa de uma manobra e que afinal visa a legalizar e não a proibir o emprego das armas atômicas. A tal ponto isso é verdade, que o próprio comentarista do «New York Times», Hanson W. Baldwin, foi obrigado a reconhecer que «o «new look» frisa de tal modo nossa dependência estratégica nas armas atômicas e sublinha tão fortemente a necessidade de integrar essas armas em todos os níveis de nosso arcabouço militar que qualquer plano para o controle internacional da energia atômica pode ser em breve afundado pela natu-

reza extensiva de nossa dependência militar em tais armas». O que explica por que os Estados Unidos recusam sistematicamente qualquer proibição das armas atômicas.

É claro que o «new look» de Eisenhower não leva em conta que nem as armas atômicas, nem qualquer outra espécie de armas intimidarão os povos que lutam crescentemente pela paz, pela independência nacional e pelo progresso. Também o «new look» dos costureiros foi por águas abaixo porque nada tinha de popular...

★

E já que estamos falando de Orçamento americano, nada melhor, para que cada um julgue da acertada escolha dos povos, do que confrontá-lo com o Orçamento da União Soviética, recentemente aprovado por sessão do Soviet Supremo.

O Orçamento Soviético, prevendo despesas de 543 bilhões de rublos, demonstra uma expansão de 15% em relação ao do ano anterior. Enquanto isso as despesas americanas foram contraídas, como confessa o «New York Times»... «porque não podemos permitir aos russos que vençam pela bancarrota (dos Estados Unidos)». Nesse último país, o que aumenta, isto sim, é o montante da dívida nacional que já atinge a 273 bilhões de dólares.

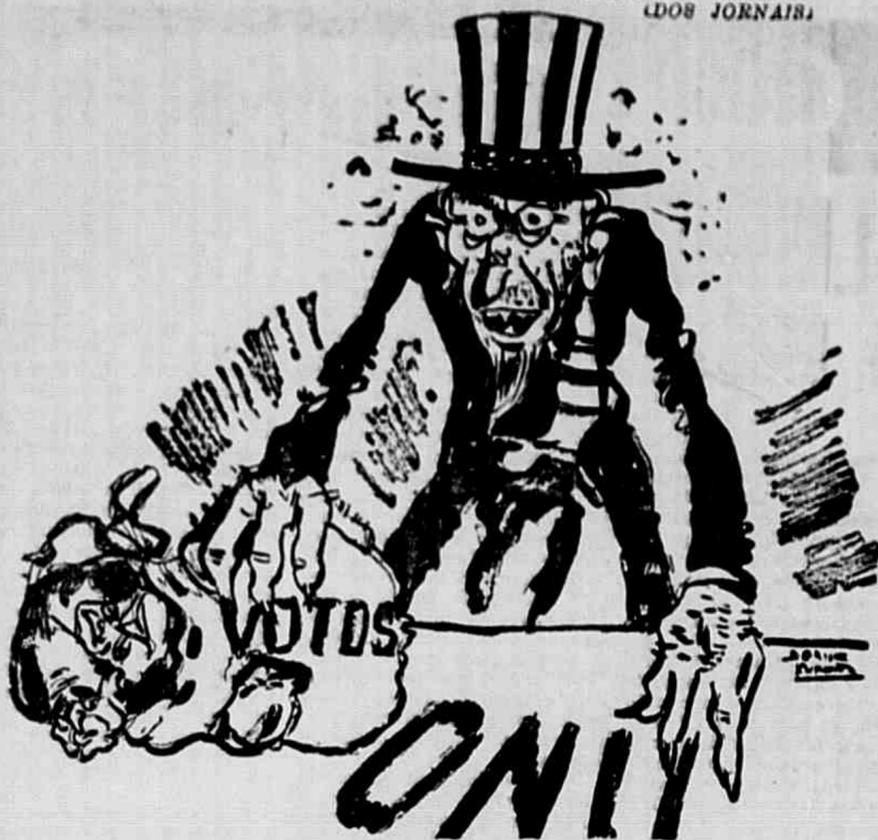
U. R. S. S.: ORÇAMENTO DE PAZ ESTADOS UNIDOS: ORÇAMENTO GUERREIRO

Mas estas cifras gerais não expressam toda a diferença radical que existe entre os dois orçamentos. Esta vamos encontrá-la sobretudo no seguinte fato: o orçamento soviético destina 79,2% de suas dotações para a construção pacífica e a elevação do nível de vida material e cultural dos povos da U. R. S. S.; em chocante contraste com esta situação, no Orçamento dos Estados Unidos, 68,4% das despesas estão alocadas para a preparação de guerra, 21,6% ao pagamento de juros sobre a dívida e apenas 10% a todas as outras operações governamentais.

Nestas porcentagens se refletem dois regimes, duas concepções de vida: — no socialismo, o homem, seu bem-estar, é o centro de todas as preocupações; no capitalismo, ao contrário, a sede de lucro leva ao desprezo pelo homem, à preparação intensiva de sua destruição em massa.

Para impedir a reunião da Assembleia Geral da ONU, os americanos costuraram, principalmente, com os votos dos países latino-americanos.

(DOS JORNAIS)



OS ESTADOS UNIDOS: — Aqui estão reunidos, os votos das nações livres...

A «Máquina de Votar» Funcionou Outra Vez

OS imperialistas americanos conseguiram, graças à pressão sobre outros países, impedir a convocação extraordinária da Assembleia Geral da O.N.U., solicitada pela Índia e apoiada por mais 21 Estados-membros entre os quais a URSS, a Birmânia e a Indonésia.

A convocação extraordinária tinha sido pedida a fim de ser debatido o caso coreano, em vista da não realização, até agora, da Conferência Política prevista pelo armistício. Essa conferência não pôde reunir-se devido à obstrução americana que, recentemente, cometeram nova e grosseira violação dos acordos

de Pan Mun Jom, entregando aos carrascos Singman Ri e Chiang Kai-Shek milhares e milhares de prisioneiros chineses e norte-coreanos. É natural que os americanos lançassem todas as suas forças para impedir a Assembleia da ONU. Como criminosos, eles temem sentar-se no banco dos réus.

Dos vinte e dois países favoráveis à proposta indiana constam os principais países asiáticos, entre os quais a China, ilegalmente ausente da ONU. Contrariamente, a votação americana baseou-se nos países colonialistas e no apoio da maioria dos governos latino-americanos que

ainda permanecem como núcleo mais sólido da «máquina de votar» do Depart. de Estado: onze delegações de líderes de nosso continente atenderam docilmente ao «apelo» dos patrões ianques.

Deve-se notar, todavia, que mesmo no que pretendem transformar em um «quintal pacífico» os americanos não obtiveram unanimidade: votaram com a Índia três países da América Latina (Guatemala, Uruguai e Argentina) e abstiveram-se cinco.

Para sua ação predatória às bases relações internacionais o Departamento de Estado pode conseguir a parceria de governos títeres. Mas, ao mesmo tempo, desmascara-se crescentemente diante dos povos. E esses é que decidem em última instância do curso dos acontecimentos.

Rearmando o Japão Para Incendiar a Ásia

ASSIM como fazem já Alemanha de Adenauer o principal apoio de sua política na Europa, os imperialistas ianques transformaram o Japão em sua principal base militar e política para a pretendida dominação do Oriente. Do Japão, partiram para agredir a Coreia e a China; dali pretendem levar o facho da guerra a todos os confins da Ásia.

Desde setembro de 1945, quando os militaristas nipônicos tiveram de render-se, a orientação do Departamento de Estado foi a de impedir que o povo japonês tomasse o caminho democrático. Para isso conservaram o Imperador, pouco se importando que ele mesmo tivesse partido a ordem para o traidor ataque a Pearl Harbour. Mantiveram a estrutura semi-feudal do Estado e, prazerosamente, associaram-se a os grandes capitalistas do país. Mac Arthur, o vice-rei de matéria plástica para a dominação da Ásia, executou fielmente essa política ditada por seus superiores, asentados na Casa Branca. Compendo todos os compromissos, os americanos assina-

ram com os militaristas e grandes capitalistas japoneses uma paz em separado, que liquidou a independência do Japão e o mantém como território ocupado por um prazo indefinido.

Todavia, o grande objetivo que perseguem na atualidade os incendiários de guerra é rearmar inteiramente o Japão. Contra isso, porém ergue-se o povo japonês que fez inscrever na atual Constituição a proibição de serem reconstituídos o Exército, a Marinha e a Aviação. Agora, o governo Yoshida apresentou ao Parlamento, eleito de maneira anti-democrática, dois projetos: o do rearmamento do Japão e um convênio nipo-americano. Somente com as forças de ocupação americanas serão gastos, ao que se prevê, 150 milhões de dólares.

Os protestos que se erguem de todos os lados e que impediram nesses três anos a formação ostensiva de forças nipônicas de agressão provam, porém, suficientemente que os milhões de japoneses estão longe de aceitar o chara-ki-ri nacional que seus dirigentes recomendam.



Completo sessenta anos o companheiro Vitório Codovilla, fundador e dirigente do Partido Comunista Argentino. A vida de Codovilla tem sido inteiramente dedicada à luta pela felicidade do povo argentino, que enfrenta uma feroz reação interna e externa. Os comunistas brasileiros desejam ao firme irmão do Partido irmão longa vida e novos êxitos à frente da vanguarda revolucionária do povo argentino.

Mais um Exemplo da «Política de Boa Vizinhança»

O governo da Guatemala denunciou, perante a opinião pública mundial, uma conspiração destinada a derrubá-lo em nome dos interesses da United Fruit, com o apoio de uma potência do Norte. Para quem conhece o tipo de relações que os imperialistas americanos procuram impor a todos os países do mundo a identificação da potência foi imediata. Allás o próprio governo americano tratou de enfiar até os pés a carapuça que lhe atrava o presidente Arbenz lançando, imediatamente um «dementido» pelo Departamento de Estado. A United Press, agência americana, o «terror» se reduzia a dez prisões (telegrama do dia 28 de janeiro). O correspondente do «New York Times» teve de ser expulso por atividades contra a República e, como é de praxe, tratará de incluir-se no rol das vítimas.

Não há dúvida, por outro lado, que o golpe que levaram em sua trama enfurecerá mais ainda os imperialistas americanos. E isso exige de cada democrata redobrados esforços em apoio do governo democrático da Guatemala e contra a ameaça intervencionista que se torna

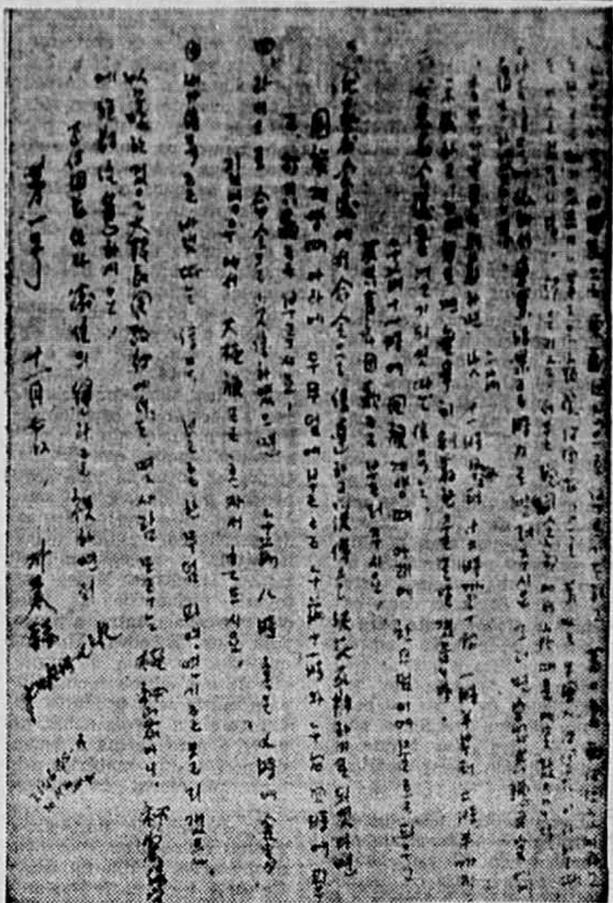
A denúncia da Guatemala aponta Tacho Somoza, a féria do Istmo, como um dos patrocinadores da invasão a ser desfechada contra o país, apresentando mesmo fac-símile de documentos assinados pelo filho do ditador da Nicarágua, o Coronel Somoza Debayle, «Tachito», como é conhecido. No passado foi também Somoza o organizador do levante de Salamá, também decretado pelas forças democráticas guatemaltecas.

A pressão americana sobre a Guatemala é pública e notória e ocupa as colunas da imprensa democrática de todo o mundo. Os preparativos para derrubar o governo Arbenz estão num crescendo, com vistas à próxima Conferência Interamericana de Caracas onde se pretende dar os retoques finais no plano.

Ná meses as denúncias sobre essas sinistras intenções vêm sendo feitas, e os fatos as confirmam dia a dia. Ainda recentemente a Confederação dos Trabalhadores da América Latina (25 de janeiro) denunciou o perigo da intervenção ianque que tinha sido também ressaltado no dia 16 pela própria Confederação

Guatemalteca do Trabalho, por motivo das declarações ameaçadoras do senador Wiley.

Assustados, os agentes americanos, como o pelego sindical Ruben Villatoro, fogem apressadamente. Pretendem fazer do mal remédio; como foram desmascarados, posam de perseguidos, e falam no etcétera. Mas segundo a pró-



CARTA SECRETA PARA UM AGENTE DOS AMERICANOS E SINGMAN RI: — O relatório da Comissão Neutra encarregada da guarda dos prisioneiros de guerra, na Coreia, demonstrou que agentes americanos e de Singman Ri tinham lançado o terror nos campos de prisioneiros e impedido as entrevistas destes com os representantes de seus governos. Vê-se no clichê o fac-símile das instruções enviadas a um agente singmanista e que foi interceptado pelas tropas indianas no dia 8 de novembro.



A U.R.S.S. em Berlim Confirma Sua Política de Paz

AS PROPOSTAS de Molotov sobre a Alemanha, apresentadas dia 1º de fevereiro, em Berlim, baseiam-se na necessidade de paz na Europa e no reconhecimento dos imposteráveis direitos do povo alemão. O chanceler soviético estabelece em seu projeto que o texto de um Tratado de Paz deve ser preparado dentro de três meses e discutido, no máximo, em outubro do corrente ano; estipula a retirada de todas as tropas de ocupação da Alemanha, dentro de um ano, no máximo, após o tratado de Paz; o reconhecimento das fronteiras alemãs tais como foram estabelecidas em Potsdam; o direito de o povo alemão formar seu exército nacional de defesa; livre organização dos partidos e organizações democráticas e proibição das organizações antidemocráticas e belicistas; proibição de que a Alemanha participe de qualquer bloco militar dirigido contra as potências que a derrotaram na última guerra; liberdade de política exterior; dispensa das dívidas de guerra; apoio ao ingresso da Alemanha na ONU; participação dos dois governos alemães ora existentes na elaboração do tratado de paz; constituição da Alemanha como estado unificado, pacífico, democrático e independente.

As propostas soviéticas, como se vê, partem dos compromissos já assumidos anteriormente pelas quatro potências, principalmente as de Ialta e Potsdam, constantemente viola-

dos pelos Estados Unidos, a Inglaterra e a França. Projeto semelhante já fora apresentado, a 10 de março de 1952, pela URSS, sem que até agora as três potências ocidentais comunicassem qualquer outro de sua própria autoria. Isso se explica, pois, como se sabe, os imperialistas querem por todos os meios impedir a assinatura do Tratado de Paz com a Alemanha, para poderem continuar a saquear a seu talante a parte que ocupam. O novo projeto soviético apresenta, entretanto, de novo, em relação ao de 1952, a dispensa da dívida de guerra, medida que já foi posta em execução pela URSS em relação à República Democrática Alemã. Igualmente para facilitar os entendimentos, a URSS advoga, como já o vinha fazendo, a inclusão de representantes dos atuais governos alemães existentes, enquanto não se forma o governo único. As potências ocidentais, como se sabe, recusam-se mesmo a admitir observadores germânicos na atual Conferência.

Confundidos pelas propostas concretas de Molotov, os porta-vozes ocidentais põem-se a gritar sobre a «repetição» dos argumentos soviéticos. Repetição que não é de estranhar pois a URSS não forma entre aqueles que apregoam num dia, os direitos dos povos, para, no outro, deixá-los de lado em benefício da segurança internacional.

TRIBUNA DO IV CONGRESSO

O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO É O INIMIGO MORTAL DO POVO BRASILEIRO

Octávio Brandão

«Estamos certos de que as colaborações chegarão em grande número — na forma de cartas, relatos, artigos — para a TRIBUNA DO IV CONGRESSO», dizíamos em nossa edição anterior. Realmente isto começa a acontecer e já neste número dedicamos toda uma página à nossa nova seção, aberta ao debate de todos os comunistas. As colaborações que sairão nesta seção com a assinatura de seus autores expressarão sempre o ponto de vista de quem a assina e sob sua exclusiva responsabilidade, não envolvendo o ponto de vista do jornal.

Por outra parte, com a responsabilidade do jornal, publicaremos respostas a perguntas que contribuam para esclarecer determinadas questões, bem como tópicos ou pequenas notas, que, neste caso, sairão sem assinatura.

QUE DIFERENÇA EXISTE ENTRE CONGRESSO E CONFERÊNCIA NACIONAL DO PARTIDO?

PERGUNTA DE ADOLFO SANTOS LIMA — NITERÓI
RESPOSTA: De acordo com o projeto de Estatutos aprovado na última reunião do Comitê Central, existem importantes diferenças entre Congresso e Conferência Nacional do Partido.

Do ponto de vista da competência, o Congresso é o organismo supremo do Partido, tendo por isso atribuições mais amplas do que a Conferência. Enquanto ao Congresso compete discutir e aprovar os informes do Comitê Central, rever e modificar o Programa e os Estatutos do Partido, traçar a linha tática e eleger o Comitê Central do Partido, a Conferência cabe discutir determinados problemas políticos do Partido, quando o Comitê Central considerar necessário.

As resoluções adotadas pelo Congresso são definitivas e só podem ser revogadas por outro Congresso. Entretanto, as resoluções aprovadas pela Conferência, para que sejam válidas e obrigatórias para todo o Partido, devem ser ratificadas pelo Comitê Central. Não há, porém, necessidade de aprovação do Comitê Central para a resolução da Conferência no sentido de substituir membros efetivos do C.C., pelos candidatos a membros do C.C., ou de completar por eleição o número de candidatos a membros do C.C.

Outra diferença é a relativa aos delegados. O Congresso é constituído pelos delegados eleitos nas Conferências Regionais, que se sucedem às Conferências de Zona e Distritais e às Assembléias das organizações de base. A Conferência Nacional, no entanto, é formada pelos delegados eleitos nos próprios Comitês Regionais.

Finalmente, enquanto no período de realização do Congresso, as funções do Comitê Central passam a ser exercidas pela presidência do Congresso, durante a Conferência o Comitê Central continua a exercer como antes as suas funções.

Tais são as diferenças existentes entre Congresso e Conferência Nacional do Partido.

Convém assinalar, entretanto, conforme estabelece o artigo 32 do projeto de Estatutos, que, apesar dessas diferenças, em casos excepcionais, quando se torne impossível reunir o Congresso, a Conferência Nacional pode tomar resoluções que tenham o mesmo valor de decisões do Congresso do Partido.

POR UM IV CONGRESSO NACIONAL REALMENTE DE UNIDADE E REFORMAÇÃO DE NOSSO PARTIDO

Fernando Lacerda

Na convocação atual do nosso IV Congresso, o C.C., do P.C.B., e o camarada Prestes salientaram, com justas razões, os cuidados que devemos ter, para não permitir que inimigos do povo e do P.C.B., possam utilizar o Congresso, com o fim de tentar enfraquecer-nos e desagregar-nos.

Para isso, parece, é indispensável:

I) PRIMEIRO: que, ao usar nosso direito de crítica a erros de camaradas, quaisquer que eles sejam, não nos percamos em questões pessoais pequeninas, em «suspeitas» pouco fundadas, em prevenções vazias, em «disse-me não disse».

Que nossa crítica seja, sempre, elevada.

DURA — isto é: chamando o ato ou a posição criticada pelo nome que merece: provocador, oportunista, criminoso, pequeno-burguês, não comunista, etc., etc! Mas, construtora.

Construtora, quer dizer: — a) sempre tendo em vista a linha da tese ou das posições erradas para o Partido e para o próprio camarada errado. Nesse caso, provar com fatos sucedidos, não só o erro, mas também as consequências más desses erros;

b) sempre dando possibilidades ao camarada errado para se corrigir, ajudando-o a se emendar, nunca procurando destruí-lo;

c) se tivermos o mínimo de provas de que tal ou tal membro do Partido, seja quem for, é um inimigo do povo, mascarado, é claro: não se tratará de crítica-lo e, sim, de denunciá-lo com fatos concretos e de propor sua exclusão imediata do Partido.

II) Segundo: que cada um de nós, antes mesmo de criticar os outros camaradas, faça sua verdadeira auto-crítica.

Verdadeira auto-crítica, isto é: semelhante à que Prestes fez em janeiro de 1948 e, agora, no Informe de apresentação do Pro-

grama do P.C.B. Uma auto-crítica sem lamentação nem «bater no peito», como é de regra fazer-se nos confesionários, nas quartas-feiras de cinzas cada ano e por dezenas de anos sobre «pecados» cometidos durante o carnaval...

Uma auto-crítica que, como ensinou Lênin e Stálin, expliquem bem: a natureza do ou dos erros cometidos, as causas que os motivaram, as consequências deles para o movimento popular, para o Partido e para o próprio camarada que errou; enfim, com ponderação e deveriam ser evitados esses erros.

Em suma: auto-crítica que ensine, sempre, a todos os camaradas, a todos os patriotas e democratas, mesmo não comunistas, a não repetirem erros iguais, e a emendarem posições e idéias semelhantes. Por último: auto-crítica que prove, na prática, sua sinceridade e honestidade.

III) Terceiro: que cada camarada compreenda: — a) que nenhum camarada, de direção ou de base, se diminui, quando reconhece, numa verdadeira auto-crítica, seus erros e prove seu desejo de emendação;

b) que, ao contrário, um tal camarada deve, sempre, merecer maior confiança nossa; pois não erra quem nada faz, e ele mostrou que tentou fazer algo e, ele próprio, indica como fazer melhor;

c) que, pois, tal camarada pode e deve ser conselheiro no posto onde errou; sobretudo se, nesse posto, ele for útil ao povo e ao Partido.

Tais são, creio eu, as bases elementares principais de toda crítica necessária, útil, ao nosso IV Congresso Nacional.

Tal é, a meu ver, um dos meios de impedir que inimigos, ocultos ou abertos, de nosso povo e de nosso Partido, possam utilizar a liberdade indispensável de crítica, que exige uma boa preparação dos Congressos dos PP.C.C. para deturpar esses debates sabotando-os, enfraquecendo o Partido.

A luta contra o imperialismo norte-americano, o novo Programa do Partido Comunista do Brasil, o Informe do camarada Luiz Carlos Prestes, o estudo dos problemas nacionais e a defesa dos interesses da nossa pátria em harmonia com as aspirações da Humanidade, abrirão as mais vastas perspectivas para o povo brasileiro. Trata-se de uma obra grandiosa, de importância decisiva para o futuro do Brasil.

O imperialismo é, sobretudo, a dominação dos monopólios como a Light, e do capital financeiro, isto é, dos bancos senhores da grande indústria, como o Banco Nacional da Cidade de Nova Iorque.

O imperialismo norte-americano ambiciona as fontes de matérias-primas luta pela conquista dos mercados de escoamento, pelas esferas de influência, pela pilhagem dos territórios alheios, pela espoliação das colônias e semi-colônias, por uma nova partilha do mundo, já dividido e redividido.

O imperialismo norte-americano não é um inimigo qualquer. É o inimigo mortal, principal do povo brasileiro. Por que? porque esse inimigo — sedento de sangue, de ouro e poder — tem as mais infames finalidades contra o Brasil. Quais? Conquistar a hegemonia econômica, financeira e política. Obter superlucros coloniais. Saquear a Nação brasileira. Apossar-se dos mercados, das fontes de matérias-primas, produtos agrícolas e industriais, dos materiais estratégicos. Reduzir a nossa pátria à mais miserável colônia, arrastá-la a guerra de rapina e banditismo como a guerra contra a Coreia do Norte. Liquidar a nossa indústria e a nossa literatura, transformando-as em simples apêndices da história e da literatura burguesas dos Estados Unidos. Servir-se da máquina do Estado semi-feudal e burguês atual, para oprimir e metralhar os brasileiros. Daf o imenso perigo que os banqueiros de Nova Iorque representam para os povos.

O imperialismo transformou os Estados Unidos no país da guerra e da rapina, da corrupção e do ódio racial dos terroristas da Ku Klux Klan, dos espões do

Bureau Federal de Investigações (F.B.I.), dos gangsters como Al Capone e dos provocadores e reacionários como Truman e Eisenhower.

Os imperialistas corrompem com o dólar, fazem chantagem com a bomba atômica e, assim, defendem a chamada democracia cristã.

Nos Estados Unidos, a beleza da vida é defecada pelos negócios. A palavra de ordem é: — Enriquecer de qualquer forma, por qualquer meio. Em tais condições, a vida perde sua beleza e sua grandeza torna-se uma corrida louca atrás do dinheiro. O homem fica uma fera, lobo do próprio homem.

O mercantilismo foi colocado no centro de tudo: na arte e na literatura, na ciência e na filosofia. Por isto, os Estados Unidos tornaram-se o paraiso dos piores charlatões — sociólogos e filósofos de fanfarraria. Tudo e todos servem, tanto que fazem propaganda da guerra e da bomba atômica, e atacam a paz, o socialismo e a União Soviética.

O modelo e o exemplo norte-americanos, apresentados como ideais para todos os povos do mundo são o negociante, o indivíduo fabricado em série — o tipo representativo da chatiche, da mediocridade e da imbecilidade, triste filisteu burguês, cheio de auto-suficiência e auto-satisfação.

«O estilo de vida norte-americano» consiste em fazer traficâncias em nome do «idealismo», adorar o Deus-Dólar e a bomba atômica, mastigar goma, beber coca-cola, conhecer a fundo as aventuras galantes das atrizes de Hollywood, assistir a desfiles de modas, ver filmes de gangsters e de galãs chorões, apreciar as revistas teatrais cheias de coristas nuas, ler revistas obscenas, narrativas em quadrinhos sobre bandidos e policiais, histórias sobre divórcios e adultérios, livros sobre inversões e perversões sexuais.

Tal o caminho da «sabedoria» norte-americana, apontado aos povos coloniais e dependentes.

Por tudo isso, nenhum homem de cultura pode apoiar o capital norte-americano e seu estilo de vida. O resultado fundamental da dominação do imperialismo, é o em-

brutecimento da Humanidade.

O imperialismo é o capitalismo gangrenado e agonizante. Por isto, o imperialismo norte-americano apoia e sustenta tudo quanto é atrasado e rotineiro, decadente e obscurantista: a reação e o medievalismo, os latifundiários e o Estado predominantemente semi-feudal.

O Brasil é uma semi-colônia do imperialismo norte-americano, em processo de colonização. Devido à dominação do imperialismo, o nosso país ainda é econômica e politicamente atrasado, cheio de sobrevivências feudais, medievais, pré-capitalistas, dominado por uma classe anacrônica, os grandes proprietários rurais semi-feudais, rebotalho do passado morto.

O imperialismo norte-americano tem causado ao povo brasileiro imensos danos econômicos e financeiros, políticos e sociais, morais e intelectuais. São os empréstimos usurários, como o de 300 milhões. É o jugo político. São os tratados de escravização como o Acordo Militar de 1953. São as teorias nocivas como o cosmopolitismo. São as deformações da economia e da ideologia do país.

Ainda mais: o mesmo imperialismo tem em vista a americanização total do Brasil — padronizar, estandarizar tudo, o exército e os armamentos a cultura e a educação as idéias e os próprios sentimentos. Procura penetrar no país através de toda uma série de canais — os monopólios como a Standard Oil, as missões e comissões nos Ministérios, os técnicos e os burocratas que vão «aperfeiçoar-se» nos Estados Unidos, etc.

O imperialismo norte-americano exerce no Brasil uma influência profundamente perniciososa. Seu objetivo é a colonização, o desarmamento moral e intelectual da nossa Pátria. Para isto, recorre a muitos meios e métodos. Faz trabalho de sapa. Emprega o suborno, a chantagem e a intimidação. Desencadeia a ofensiva política e psíquica. Lança a dúvida e a confusão. Desorienta a opinião pública.

Os imperialistas norte-americanos e seus agentes lançam mão de muitos meios e métodos para tentar deformar e embrutecer o povo brasileiro. São os jornais corrompidos pelos anúncios e subvenções como «O Globo» e os «Diários Associados», com seus artigos tendenciosos, suas notícias mistificadoras e as locubrações dos provocadores anti-comunistas como Al Neto. É o safadíssimo repórter «Eso». São os telegramas das agências como a United Press. São os artigos dos escribas como Drew Pearson, Walter Lippman e Dorothy Thompson. São as revistas como «Gibi» que desmataram as crianças, como «Seleções» falsamente objetivas e «O Cruzeiro» cheias de histórias de bandidos e escândalos de atrizes norte-americanas. São os livros de falsos filósofos como William James e John Dewey, de «historiadores» de histórias como Will Durant e sociólogos de fanfarraria como Sorókin e Franz Boas.

Os bestsellers da literatura norte-americana nenhuma

saida apresentam para os conflitos sociais. Oferecem quadros obscenos, a sensualidade mórbida, cenas brutais, crimes de sensação, tipos anormais ou desesperados — toda uma «justificação» das belezas do estilo de vida norte-americano.

As revistas teatrais não passam sem pornografia. O Rádio não passa sem novelas estúpidas, de um romantismo enojar e decadente.

O cinema dos Estados Unidos só exporta filmes de bandidos, biografias deformadas, falsos dramas históricos, historietas românticas e decadentes, cheias de apelos ao sexo. Esses filmes, pagos com o ouro do povo, deformam, desnaturalizam, desvirtuam a mocidade brasileira.

Nossa música está ameaçada de perder seu caráter nacional, ajudando em colônias, tornando-se um triste decaique da música burguesa norte-americana, decadente, histórica e degenerada.

O imperialismo e seus agentes no Brasil subornam os intelectuais com sinecuras: cartórios, empregos no Itamarati, etc.

Os imperialistas norte-americanos sempre tiveram defensores no governo e no parlamento, nas igrejas e tribunais, na imprensa e nos estabelecimentos de ensino. Que tem feito Gilberto Amado na Organização das Nações Unidas senão assinar de cruz o que lhe ordenam os banqueiros de Wall Street e seus agentes no Departamento de Estado? Que foi fazer Tristão de Ataíde na União Pan-Americana, instrumento da vil política dos imperialistas? Que foi fazer Erico Veríssimo na mesma organização? Esses e outros intelectuais pregam a «liberdade», mas é a liberdade de ser subornados pelo dólar.

Os reis da Bolsa e da finança dos Estados Unidos tentam desagregar e desmoralizar os povos coloniais e dependentes. Seus pretensos cientistas e pedagogos fazem do instinto sexual a força motriz da história e o centro de toda a atividade humana. O sexo torna-se a preocupação dominante.

Uns e outros procuram desviar a juventude brasileira. Levá-la a esquecer os grandes problemas nacionais e vegetar num estado permanente de excitação sexual, sem vontade, sem energia, prisioneira dos instintos, sob a influência de filmes e gravuras, romances e novelas afrodisíacos, revistas e historietas pornográficas. É o caminho da degradação e degenerescência, da sujeição econômica e escravização política, da abjeção moral e servidão intelectual. É o caminho hediondo do colonialismo.

Por tudo isso, nós, filhos do povo, verdadeiros patriotas e humanistas, democratas e revolucionários, protestamos com a maior energia, veemência e indignação contra o imperialismo norte-americano, sua política e sua influência profundamente perniciosas, e chamamos o povo brasileiro à luta mais decidida e consequente contra o seu inimigo mortal.

Rutura total, violenta e definitiva com o imperialismo norte-americano e seus agentes no Brasil!

PELA PERMANÊNCIA DO ARTIGO 25

A direção da «Imprensa Popular» encaminhou à VOZ OPERÁRIA a carta que abaixo transcrevemos:

«Camarada redator,
No dia 17-1-1954 ao abrir as páginas da «Imprensa Popular» tive a agradável surpresa de ver publicado no suplemento daquele dia, o projeto de reforma dos Estatutos do PCB. Li com atenção e estudei a conclusão de que a reforma foi total. No entanto eu não pilharei a permanência nos Estatutos do PCB da redação do artigo 25 dos Estatutos anteriores. Junto a esta vão os dois trechos a que me refiro, para que o camarada faça um confronto dos mesmos.

Art. 25 dos Estatutos anteriores:

«Os membros do Partido que comprovadamente atraírem a classe operária e a confiança nela depositada, por essa classe e pelo Partido; os realizadores de trabalho de fração; os ébrios contumazes; os que derem prova de degenerescência moral; os que realizem atos de aventurismo ou de degradação de classe (lumpen); os provocadores, os terroristas, os pregadores e praticantes de luta de grupo como método de ação do Partido e da classe operária, e, em geral, aqueles que, com sua atitude incorrigível vivam prejudicando o Partido e o povo, serão sumariamente afastados de seus postos, expostos do Partido e desmascarados publicamente.»

Ass) G. M. (2-2-54)
Art. 46 do Projeto de Estatutos do PCB:

«As organizações do Partido de todos os graus poderão tomar medidas disciplinares, sempre sujeitas à aprovação do organismo imediatamente superior e de acordo com as circunstâncias concretas, contra os infratores da moral do Partido (mentir ao Partido, faltar à honestidade e sinceridade para com o Partido, incidir em calúnias, dissolução de costume, etc.), e em virtude de faltas que o Partido considere criminosas como o não cumprimento das resoluções dos organismos superiores, a violação do Programa e dos Estatutos do Partido, ou ainda conduta que prejudique o prestígio e a influência do Partido no seio da classe operária e do povo.»

PROGRAMA Contrôlê Americano da Central DE VARGAS Para Aumentar o Saque do Brasil

«As ordens dos imperialistas americanos são transformadas pelo governo de Vargas em leis do país, sempre com o objetivo de tornar mais fácil aos monopolistas americanos o assalto às riquezas nacionais e à exploração redobrada de nosso povo»

(Do projeto de Programa do P.C.B.)

A PRINCIPAL ferrovia do país, aquela que liga a Capital federal ao maior centro industrial, São Paulo, passando pelo celeiro do Vale do Paraíba, transformou-se para as fabulosas jazidas de minério de ferro e manganês de Minas Gerais, também grande centro pecuário, chegou ao máximo grau de desmantelamento. Tanto o material rodante como o leito da estrada — trilhos, dormentes e pontes, encontram-se em lamentável estado.

Os déficits da Estrada de Ferro Central do Brasil vinham aumentando de ano para ano.



Cada dia que passa, mais difícil se torna viajar nos trens suburbanos da Central do Brasil. Inúmeras composições ficam inutilizadas e são encostadas sobrecarregando as que ficam, mas o governo de Getúlio fica impassível, sem tomar qualquer providência, no sentido de melhorar os transportes para o povo, ano de maneira espantosa: 85 milhões, em 1947; 230 milhões, em 1948; 405 milhões em 1949; 509 milhões de cruzeiros em 1950; e atualmente, ultrapassa a casa dos 600 milhões o déficit dessa empresa que, por isso, vem pesando cada vez mais nos cofres da nação, recebendo subvenções crescentes. Só para pessoal, as subvenções do governo vêm sendo as seguintes: 1947, 101 milhões de cruzeiros; 1948, 113 milhões de cruzeiros; 1949, 134 milhões de cruzeiros; 1950, 320 milhões de cruzeiros.

O crescimento dos déficits, a deterioração do material da Estrada, o número crescente de descarrilamentos, vinham indicando o descalabro sem precedentes da empresa. Só no ano de 1950, registraram-se 1.440 descarrilamentos, metade dos quais foram atribuídos, pela própria administração da Estrada, ao fato de as linhas não suportarem o tráfego pesado e constante a que vinham sendo submetidas.

A indignação do povo contra o martírio que lhe é imposto pelo governo, em consequência do lastimável estado dos trens suburbanos com seus atrasos permanentes, atinge às raias da revolta quando terríveis desastres começam a ocorrer culminando com a catástrofe de Anchieta em que perderam a vida cerca de 100 pessoas ficando um semi número de passageiros mutilados.

Mas não foram os indescrivíveis sofrimentos do povo que fizeram com que se reexesse o tirano do Catete. Era outra far-

«No aparelho estatal são colocados pelo governo de Vargas os «técnicos», «assistentes» e «conselheiros» norte-americanos que interferem diretamente em toda a vida administrativa do país».

(Do projeto de Programa do P.C.B.)

ca, uma força que bem se perto fala aos interesses de classe do tirano Vargas, exigia uma mudança na situação da Central. Não para que os trabalhadores viajassem com mais conforto. Não para que fosse melhorado o abastecimento de gêneros à Capital. Não para promover o desenvolvimento econômico do país.

COMISSÃO MISTA: GOVERNO IANQUE PARA O BRASIL

Qual a força que determinou o estudo da situação da Central e o plano de reaparelhamento?

O que mobilizou os técnicos e espíes dos imperialistas norte-americanos e colocou imediatamente à sua disposição todos os recursos do governo de Vargas, foi a inutilização da Estrada para o transporte das pesadas composições carregadas de manganês e minério de ferro. A estrutura da ferrovia não poderia, com efeito, ter suportado o intenso tráfego de composições com esses materiais, e daí o seu desmantelamento. As estatísticas oficiais, apresentadas pela própria Central do Brasil à Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, revelam que o movimento de manganês e minério de ferro para exportação através da Central foi o seguinte, a partir de 1946:

1946	147.900.000	toneladas
1947	178.500.000	>
1948	365.400.000	>
1949	429.200.000	>
1950	183.500.000	>
1951 (Janeiro a No.)	115.700.000	>

Diante dessa redução forçada do transporte, apressaram-se os ianques em se apoderar das jazidas de Parapoeba. Passaram a concentrar o saque através da Estrada de Ferro Vitória-Minas, depois de abocanharem a Companhia Vale do Rio Doce.

Surge na Comissão Mista Brasil-Estados Unidos por uma missão americana, inicialmente chefiada por Burke Knapp, a iniciativa de reaparelhar a Central do Brasil, orientando o projeto das obras para o seu objetivo fundamental: o aprofundamento da colonização do país, a fim de aumentar o saque de nossos materiais estratégicos destinados à sua indústria de guerra.

Do 13.º andar do majestoso edifício do Ministério da Fazenda, todo ele ocupado por um exército de funcionários brasileiros e espíes americanos trabalhando sob orientação ianque, partem os projetos dos quais Vargas assume a paternidade, enviando-os para o Parlamento. E a entrega do país aos monopolistas norte-americanos.

UMA FERROVIA EM FUNÇÃO DOS PLANOS DE GUERRA

O PROJETO que leva o n.º 3, elaborado pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, é um calhamaço de 120 páginas datilografadas, para justificar um empréstimo de 10.786.831 dólares destinados ao pagamento de material importado da América do Norte para o reaparelhamento da Central. Subdivide-se em cinco projetos, elaborados mediante uma minuciosa revelação do descalabro reinante na Central do Brasil. O relatório que acompanha esses projetos, comprova, além de tudo, as denúncias patrióticas de que o governo de Vargas não tem segredos para o reaparelhamento da Central. Subdividisse vista através de Ralos X, a Central aparece tal como é para uma comissão de que participam com evidente função de direção os técnicos de uma potência estrangeira.

«Milhões de dólares e de cruzeiros são gastos na compra de armamentos, na construção de bases aéreas e navais, na construção e melhoramento de trechos de vias férreas e de alguns portos, com o objetivo de facilitar o transporte e o embarque para o exterior de matérias primas para a máquina de guerra norte-americana ou de permitir a movimentação de grandes efetivos militares e o reabastecimento de grandes esquadras navais e aéreas».

(Do projeto de Programa do P.C.B.)

Revelações que constituem crime contra a segurança nacional, são feitas com a maior naturalidade aos imperialistas norte-americanos.

Além da citada despesa em dólares prevista pelo projeto, inclui-se ainda um gasto, em moeda nacional, de 1.074.171.015 cruzeiros.

O Projeto n.º 3, subdividido em cinco projetos denominados pela ordem de importância como A, B, C, D, e E, não deixa dúvidas quanto aos objetivos de saque do país e sua conversão cada vez mais acentuada, na qualidade de fornecedor de matérias primas.

PROJETO A — MINÉRIOS COM MAIS RAPIDEZ

O PROJETO Central A, tem por fim o prolongamento dos desvios de cruzamentos entre Belo Horizonte e Lafaiete e ampliação dos pátios nessa última cidade, com aumento total de linhas de 23.223 metros e a instalação de 50 aparelhos de mudança de via.

Como justifica a Comissão Mista a necessidade desses «melhoramentos»? Isso permitiria a eliminação dos pequenos trens e, com o emprego de 60 locomotivas Diesel-elétricas encomendadas pela Central, a formação de composições de 44 e até maior número de vagões de minério; permitiria também a mais rápida movimentação dos trens, pois no estado atual os desvios não comportam mais que 18 vagões de minério.

PROJETO B E C — MAIS SEGURANÇA NO TRANSPORTE DE MINÉRIOS

O PROJETO Central B visa à remodelação das linhas principais entre Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. A remodelação compreenderá a renovação de 389.000 dormentes, colocação de mais 890.890 dormentes para dar novo espaçamento; substituição de 644 quilômetros de trilhos velhos e gastos; lastreamento e relastreamento de 1.000 quilômetros de linha. Tudo para maior segurança no transporte de minérios.

O Projeto Central C, estuda a construção de uma oficina de manutenção para servir a todas as locomotivas Diesel-elétricas em operação nas linhas de bitola larga da Estrada.

PROJETO D — NOVO PATIO NO PORTO, PARA MINÉRIOS

A AMPLIAÇÃO do pátio terminal de Arará, no porto do Rio de Janeiro, é o objetivo do projeto Central D. Trata-se de construir instalações capazes de reunir, receber, expedir e classificar carga de 700 vagões de minério e carvão.

PROJETO E — VAGÕES MAIS NUMEROSOS E RESISTENTES PARA TRANSPORTAR MINÉRIOS

Finalmente, o projeto Central E, se refere à substituição de 2.075 carros de carga, todos de madeira, por 1.500 totalmente de aço ou de infra-estrutura de aço bem como à compra de 765 novos carros.

Qual o objetivo desse reaparelhamento? Tal como nos demais projetos, salta claramente aos olhos que se trata de medidas vi-

sando à intensificação do transporte de minério. Como se vê, há um traço comum em todos os projetos de reaparelhamento da Central do Brasil — todos eles visam ao saque dos minérios, ao assalto aos nossos recursos naturais.

VARGAS ABRE AS PORTAS A DOMINAÇÃO DAS FERROVIAS

A política entreguista e de tração nacional de Vargas atinge a todos os setores da vida do país. Citemos o exemplo da Companhia Vale do Rio Doce, e, embora não seja esse ainda o caso da Central do Brasil, veremos que, nas mãos de Vargas, todo o nosso sistema ferroviário está nos planos de entrega ao controle dos monopolistas ianques. A Cia. Vale do Rio Doce é, atualmente, a maior fornecedora de manganês e minério de ferro para os Estados Unidos, através da Estrada de Ferro Vitória-Minas, pelo porto de Vitória. Essa empresa, criada por imposição dos Acordos de Washington, como sociedade de economia mista, obteve um empréstimo de 10 milhões de dólares para a prestação de fiscalização a aplicação desses fundos, praxe odiosa dos imperialistas ianques, e o banco americano ficou com o direito de designar dois dos diretores da companhia, apesar de não figurar entre os seus acionistas. Eis como, sem meios palavras nem dissimulação alguma, os imperialistas passaram a controlar a economia de países que pretendem colonizar por completo.

Em relação às nossas estradas de ferro não está longe de se dar essa hipótese. Para citar o projeto de Getúlio enviado ao Parlamento em 1952, cujo objetivo é transformar em sociedade anônimas todas as estradas de ferro pertencentes ao Governo Federal, as quais vinham funcionando sob a forma de autarquia ou repartições públicas. Incluem-se nesse plano a Central do Brasil e Santos-Jundiaí, a Leopoldina, e outras. Esse projeto foi feito devido a uma exigência da missão americana comandada por Burke Knapp, chefe da seção Ianque da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, a mesma que ditou os planos de reaparelhamento da Central do Brasil.

Esse projeto de Vargas, criando a Rede Ferroviária Nacional S. A., em que o governo deverá possuir 51% das ações, passaria a controlar todas as demais estradas de governo transformadas também em sociedades anônimas, o projeto, tanto a Rede Ferroviária Nacional S. A. quanto as «subsidiárias», receber capitais particulares, inclusive estrangeiros, está a porta aberta para a total dominação de todo nosso sistema ferroviário pelos imperialistas ianques.

EMPRÉSTIMO QUE SAEM CARO

O simples fato de ser entregue a uma comissão americana o estudo de tais projetos, que implicam no conhecimento de todos os problemas internos da ferrovia, já demonstra a total subserviência de Vargas aos imperialistas ianques. Mas não se trata de projetos apenas. E que os empréstimos já contraídos e os que agora serão efetuados, incluem a Central do Brasil, cada vez mais, sob o controle dos Estados Unidos. Os imperialistas ianques arrogam-se o direito de traçar programas para a Central e, assim, influenciam poderosamente em sua direção.

Do total da dívida ativa da Central de 1.382.219.046 cruzeiros, 60% se relacionam com empréstimos americanos. Essa dívida, referente ao período anterior ao levantamento feito pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos e apresentada pelo projeto de em-
préstimo de 1952, é proveniente de empréstimos externos feitos diretamente pela Central ou por intermédio do Banco do Brasil. As obrigações decorrentes dela gravam a Estrada em compromissos de 68 milhões de cruzeiros anuais até 1955, mantendo-se no nível de 50 milhões anuais até 1965.



Unidos e apresentada pelo projeto de em-
préstimo de 1952, é proveniente de empréstimos externos feitos diretamente pela Central ou por intermédio do Banco do Brasil. As obrigações decorrentes dela gravam a Estrada em compromissos de 68 milhões de cruzeiros anuais até 1955, mantendo-se no nível de 50 milhões anuais até 1965.

As compras de materiais no estrangeiro são feitas através da American Locomotive Co., por intermédio da Montreal Locomotive Works Ltd. e pela Internacional General Electric Co. Participação do financiamento dos contratos do projeto 3, o Chase National Bank e a General Electric.

Outros fatores que determinam a dependência direta da Central em relação ao imperialismo americano são o fornecimento de carvão, quase totalmente de procedência norte-americana e a energia elétrica, fornecida pela Light. Quanto à energia elétrica, recorda-se que a Light sabotou com éxito a construção da Usina de Salto, para ficar com o privilégio do fornecimento de energia a preços de monopólios para a importante via férrea.

AUMENTO BRUTAL DA EXPLORAÇÃO DOS FERROVIÁRIOS

Seria ingenuidade pensar que, no conjunto de medidas visando aumentar o saque dos nossos recursos naturais, não entrasse também a intensificação da exploração da classe operária, método de arrancar lucros máximos empregado pelos monopólios ianques principalmente nos países coloniais e dependentes.

O Projeto n.º 3 fala em manter as despesas do pessoal dentro de uma proporção razoável, etc. O projeto traduz o azedume dos americanos pelo fato de existir no país essa lei de estabilidade no emprego, mesmo desrespeitada como ela é. Os americanos aconselham então duas medidas mínimas, que revelam todo o seu ódio à classe operária, pois pretendem arrancar das costas dos ferroviários boa parte dos déficits da ferrovia:

- a) não preencher as vagas que se verificarem no quadro do pessoal exceto quanto à mão-de-obra especializada em tração e manutenção;
 - b) aumentar o volume de tráfego, rapidamente e sem o recrutamento de maior número de pessoal «A FIM DE DILUIR OS CUSTOS DESSA DESPESA EM MAIS DENSIDADE TRÁFEGO» (em outras palavras: intensificar o ritmo do trabalho e reduzir o número de ferroviários, a fim de compensar boa parte dos custos com a remodelação da estrada);
 - c) exonerar o pessoal excedente com os melhoramentos obtidos nos métodos de operação e instalações (controle centralizado do tráfego, eletrificação etc.).
- Frisa ainda o Projeto 3: «ESSA POLÍTICA DEVE SER INTENSIFICADA APÓS O RECEBIMENTO DO NOVO EQUIPAMENTO DE TRÁFEGO».

«PROGRAMA SECRETO» DE Um Vende-Pátria Declarado

Comemorando o terceiro aniversário do seu governo o sr. Getúlio Vargas pronunciou a primeiro do corrente um longo discurso.

Usando todas as manhas de sua demagogia, Vargas procurou encobrir com palavras, os fatos notórios e evidentes que fazem com que em todo o país se levantem contra o atual governo inúmeras forças patrióticas e democráticas.

Discurso cínico

O cinismo aberto e sem rebuços desse novo pronunciamento de Vargas ressalta logo à primeira vista. Governando o país há cerca de vinte anos, o estancião de Itú tem agora a desfaçatez de dizer que já pode anunciar o seu programa, «programa que venho executando em silêncio e só não o anunciei previamente porque os debates teriam impedido a sua realização». No entanto, a ninguém escapa esse segredo de polichinelo do pretenso «programa» de Vargas. O país não tem sido dilapidado pela camarilha governante? O Brasil não marcha aceleradamente para se transformar numa colônia americana, tudo com a cumplicidade aberta do governo de Vargas? Sim, é todo um «programa» de traição nacional que está aliás em plena execução. Realmente...

Governo corrupto

Queixase o sr. Vargas de «uma campanha para tisanar de corrupção o meu governo». Contudo, suas lamentações não poderão ocultar fatos tão evidentes como as negociações de compra de armamentos e os contratos estabelecidos sem concorrência no Ministério da Marinha, por exemplo, a pretexto de «fortalecer a defesa nacional»; como os assaltos ao Fundo Sindical e aos cofres dos Institutos de Previdência; são os empréstimos sem garantia feitos aos jornais venais como revelou o escândalo de «Última Hora»; são fatos como a montagem de verdadeiras máquinas de exploração, como a COFAP, a pretexto de combater a carestia; são os escândalos da CEXIM e como seu prosseguimento as negociações que se esboçam por trás do leilão de divisas promovido pelo «esquema Aranha».

Exemplo dos salários

Vargas não toma nenhuma providência efetiva para resolver os problemas que afetam a população e a questão dos salários dos trabalhadores. Em seu discurso, mostra que enquanto os lucros triplicaram, o volume dos salários apenas duplicou. No entanto, que faz o governo? O próprio Vargas é quem se recusa a aprovar o novo salário-mínimo estabelecido por uma comissão nomeada pelo governo...

Um governo incapaz que precisa ser derrubado

Antiga técnica sua, o sr. Vargas apresenta-se nesse discurso como realizador. Todos se lembram, por exemplo, de que a primeira do ano de 1953, Vargas dava por resolvidos os principais problemas do comércio exterior que só fizeram se agravar no correr do ano, além de muitas outras proezas anunciadas naquele seu famoso discurso em dólares...

O «antiimperialismo» de um agente ianque

Mas, o discurso de Vargas se alonga em umas denúncias da sangria realizada no Brasil pelo capital estrangeiro. Sentindo a terra fugir-lhe aos pés, Getúlio procura apresentá-la como anti-imperialista.

Antes de mais nada ressalta sua «descoberta» de algumas das formas pelas quais se realiza a exploração do Brasil pelo capital ianque. Que dizem os fatos? Os fatos mostram que Vargas mistifica. Sem dúvida o aumento dos valores, nas faturas das mercadorias exportadas para o Brasil é um dos processos de fazer sair do país o lucro das companhias estrangeiras. Mas a solução que Vargas apresenta para isso é o chamado «esquema Aranha», esse plano americano para intensificar a colonização do governo infame de Vargas.

UMA AUTÊNTICA REALIZAÇÃO DO GOVERNO DE VARGAS...

«Posso hoje anunciar o meu programa de governo, programa que venho executando em silêncio e que só não anunciei previamente porque os debates teriam impedido a sua realização.» — (DO DISCURSO DE VARGAS À 1.ª DE FEVEREIRO).

	Preços em 31-1-51	Preços em 31-1-54
ARROZ	7,00	18,00
BATATA INGLESA	4,50	8,00
CAFE'	31,90	47,00
CARNE	12,00	25,00
FARINHA	2,50	6,50
FEIJÃO	6,30	12,50
MANTEIGA	32,00	60,00
SABÃO	9,00	18,00

AI TEMOS UM RESULTADO CONCRETO DA APLICAÇÃO DO «PROGRAMA» VARGAS.

VOZ DOS LEITORES

VOZ OPERÁRIA — Nos. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191

Para suprir falhas de nosso arquivo, solicitamos dos nossos leitores e amigos que possuem exemplares das edições de VOZ OPERÁRIA Nos. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191, nós-los remeterem com urgência pelo que muito agradecemos.

A redação

Em São Caetano do Sul

TRATADOS COMO ESGRAVOS OS OPERÁRIOS DE MATARAZZO

NA «RAION MATARAZZO» de S. Caetano do Sul, 3.200 operários são submetidos à mais brutal exploração e perseguição. Os operários acham-se esgotados fisicamente, muitos dos quais desmaiam e morrem. Recentemente, uma operária, enfraquecida pelo excesso de serviço, na hora da saída ao marcar o cartão, saiu morta.

No entanto, a direção da empresa, de comum acordo com o Pronto Socorro Municipal, manda atestar como «causa mortis» doença do coração. O trabalhador socorrido no ambulatório está sujeito a ser envenenado pois, os medicamentos, injeções, são estragados, velhos. Chiquinho Matarazzo não dá a mínima proteção aos trabalhadores. Há pouco tempo, dois operários que tomaram injeção no ambulatório sofreram uma infecção, quase perdendo a vida. Tiveram de ser submetidos a operação o que lhes causou graves prejuízos, pois o seguro pagava-lhes apenas 28 cruzeiros por dia com o que não podiam manter suas famílias.

Nas seções de ácido, celulose, mat-cord, fição, lavagem onde se usam tóxicos, os operários não recebem leite como prescreve a legislação trabalhista. No entanto, nenhuma medida é tomada contra esse tubarão que não respeita as leis. Nestas seções, além do gás existente, há grande umidade. Os operários passam todo tempo tossindo, vomitando, lacrimejando. Não recebem macacão, máscaras, luvas ou mesmo óculos, e em consequência vão-se liquidando aos poucos.

As mulheres sofrem terrivelmente. Nem mesmo as grávidas são respeitadas. Na seção de lavagem o chefe de serviço é um verdadeiro carasco que obriga as mulheres a empurrar carrinhos com mais de 200 quilos de bobinas no interior de uma estufa em alta temperatura, com os pés molhados porque a seção é



uma verdadeira lagôa. Quando por qualquer motivo diminuem o ritmo de trabalho o carasco os ofende com palavras imorais.

Os lucros do sr. Chiquinho foram de 326 milhões de cruzeiros em suas indústrias de S. Caetano enquanto os seus empregados ganham salários miseráveis até de 8 cruzeiros por hora, são perseguidos pela polícia que lhe mantém na fábrica.

Novos métodos de exploração são empregados. Aumenta a produtividade. Numa seção onde trabalham 15 operários, existem 45 máquinas com 48 bobinas cada uma que produzem em 8 horas 1.440 quilos de raion no valor total de 360 mil cruzeiros. Os trabalhadores que produzem isso ganham apenas 9,90 por hora. Somando mão de obra, matéria prima, desgaste de máquinas e outras despesas encontra-se um total de 101.188 cruzeiros. Subtraindo-se as despesas do total produzido, resta um lucro diário, só nesta seção, de 258.812,00, tirados das costas dos trabalhadores.

Agora, novas máquinas estão sendo montadas com o dobro das bobinas, isto é, 96. Cada trabalhador produzirá o dobro e não ganhará mais. O operário receberá 8 cruzeiros por hora, sem poder sair durante todo o tempo, sem poder fumar, fazer suas necessidades.

Isso leva os trabalhadores ao descontentamento. Novas formas de perseguição são usadas, pois os operários são diariamente revistados dos pés a cabeça pelos guardas armados. Clima de terror. Quem for encontrado com um volante ou boletim é ameaçado de prisão. Sob pretexto de que um trabalhador era comunista, espancaram-no na fábrica e o demitiram sem dar sua indenização. Para perseguir e dividir os trabalhadores, o Chiquinho mantém bandidos como Dr. Baer, Barbosa, Dr. Verdur, Clamede, Dr. Versur, Acácio e um alemão nazista da seção de soda. Há pouco tempo o Dr. Lammartine suspendeu 6 operários por 3 dias, só porque faltaram um dia por necessidade.

Mas ninguém recua. Os operários que na última greve conquistaram os 32 por cento de aumento, unem-se no sindicato para conquistar novas vitórias, derrotar o patrão e seus capangas, e lutam por uma vida mais humana e digna para si e suas famílias.

DEMAGOGIA TRABALHISTA À CUSTA DA FOME DO POVO

Informa o nosso correspondente de S. Leopoldo: «Com fins eleitorais e de

continuação da política de miséria do governo «trabalhista» de Vargas, os próceres do PTB local abriram dois açougues «populares». Antes porém pretenderam envolver na manobra demagógica diversos açougueiros desta cidade, tendo mesmo realizado reunião na sede do PTB com a presença de sete retalhistas, na qual deitaram grossa demagogia prometendo carne popular a todos para ser vendida a 6 cruzeiros; falaram em honestidade em denúncia dos «infratores», etc. Mas a realidade é que na reunião seguinte os homens do PTB mancomunados com os dirigentes do Instituto da Carne deixaram cair a máscara, fornecendo a tal carne popular unicamente a dois afiliados sendo um deles irmão do presidente do diretório do PTB no bairro R. Branco, o qual, além de não ter participado das reuniões estava com seu açougue fechado há algum tempo. Com esta política de proteção dos seus afiliados, os representantes do fazendeiro Getúlio só fazem é agravar a situação dos trabalhadores que, para adquirir um pequeno pedaço de carne de qualidade inferior são obrigados a permanecer longo tempo na fila voltando às vezes de mãos vazias.

EM CATANDUVA Estado de São Paulo Um Delegado e Seus Jagunços Investem Contra a Liberdade de Imprensa

SOU TRABALHADOR e funcionário da Estrada de Ferro Araraquarense. Leio e divulgo o órgão da imprensa popular «Notícias de Hoje», defensor da classe operária. Como tal, não poderia deixar de levar ao conhecimento do povo as violências que estão sendo cometidas aqui em Catanduva, contra a liberdade de imprensa e, particularmente, com o jornal da verdade «Notícias de Hoje».

Em 5 de janeiro último, recebemos uma carta do delegado de polícia, Luiz Bernardo de Gady e Vasconcelos, ordenando a apreensão da revista de «Notícias de Hoje» destinada ao sr. Jonas Filippi, sob o estúpido pretexto de que ele era um agitador comunista.

Sobre esse fato arbitrário, gritantemente ilegal, pedimos o pronunciamento da Chefia. Como esta é constituída por uma turma de boas vidas, que estão oprimindo os ferroviários, cujos salários de fome estão em atraso, que mantêm um armazém onde os preços são elevadíssimos, ordenou-nos entregar o despacho ao atribulário delegado.

Nós, ferroviários de Catanduva, lançamos nosso veemente protesto contra essa arbitrariedade, atentado fascista contra a liberdade de imprensa, além do que a venda do jornal é o ganha-pão do sr. Filippi, homem bem relacionado aqui. Quanto ao delegado, trata-se de um tarado que vive a iludir e a brutalizar menores. Acoberta o Jôgo e os ladrões, motivo por que aqui é o quartel-general de batedores de carteira. Vemo-lo, altas horas da noite, em meio a essa gente desclassificada.

Com esses elementos é espancada trabalhadores, roubando-os frequentemente. Ainda em 27 de novembro do ano passado, em Canapolis, ao se reunir a Comissão Estadual dos Trabalhadores Agrícolas, eleita na Conferência Nacional realizada em S. Paulo, ele e seus jagunços atacaram os

camponeses, prenderam-nos, espancaram-nos e os roubaram. Sim, esse pelicial vagabundo roubou 500 cruzeiros de um camponês e de outro, 200, além de canivetes e utensílios domésticos. Da quadrilha fazem parte bandidos como José Mager, Adeline Marques, Agostinho Gordo e outros mais que batem no rosto de um camponês e de outro, atiram, prendem e tiram dinheiro dos seus bolsos por ordem do delegado.

Protestamos contra a apreensão de «Notícias de Hoje», junto ao Diretor da Estrada de Ferro Araraquarense e ao Juiz de Direito desta Comarca. Protestamos também contra a situação de banditismo e de arbitrariedades reinante aqui nesta cidade. a) A. L. V. — Catanduva — Estado de S. Paulo.

OS TUBARÕES MORGANTI IMPÕEM REGIME DE «VALE»

Guataparã — (Correspondência especial para VOZ OPERÁRIA) — Há 4 meses que não sai pagamento para os colonos e demais trabalhadores da fazenda Guataparã, neste município, de propriedade dos irmãos Morganti (os tubarões do açúcar), pois são os mesmos Morganti, donos da Usina Tamoió, em Araraquarense, e Usina Monte Alegre em Piracicaba.

Na Fazenda Guataparã, há 15.000 alqueires de terra com 1 milhão de pés de café, grande quantidade de plantação de cana para fornecer a Usina Tamoió, cereais, algodão. Ao seu lado existe a fazenda Aparecida, também dos Morganti onde grande é a plantação de juta, planta esta que serve para a fabricação de cordas, barbantes, etc.

Mais de 1.000 famílias vivem sob brutal exploração dos Morganti, na Fazenda Guataparã. Foi nesta fazenda que os imigrantes italianos recusaram trabalhar, devido ao salário de fome, pois os Morganti pagam apenas 25 a 28 cruzeiros para os diaristas. Aos colonos que não podem plantar a não ser feijão, no meio do cafezal, eles pagam apenas 2.000 cruzeiros por mil pés de café.

Por que os Morganti não fazem pagamento aos colonos da Fazenda Guataparã? Os Morganti não pagam há 4 meses porque existe na fazenda um armazém onde tudo é mais caro. Sem dinheiro, os trabalhadores são obrigados a comprar ali. Se uma mercadoria vale 20,00, eles a vendem a 25 e 30 cruzeiros. Depois de sujeitarem os trabalhadores a comprar em seu armazém os fazendeiros buscam iludir os trabalhadores dizendo: «esta nossa fazenda é a tal, procuramos facilitar em tudo os nossos colonos. Nesta fazenda há armazém, com o que os trabalhadores não precisam ir até à cidade fazer compras, etc.»

Outra irregularidade é que as férias não estão sendo pagas. Agora, uns poucos trabalhadores procuraram seus direitos e foram aos Morganti. Estes, taparam-nos dizendo que davam 200 mil cruzeiros anualmente ao gerente para pagar as férias, para se passarem por bonzinhos. Entretanto, gerente, administrador, fiscal, felter, jagunços-capangas, são seus lacaios a tróco de um salário mais alto e algumas regalias para perseguir os trabalhadores que

exigem seus direitos e melhores condições de trabalho...

Até trabalhadores que mudaram da fazenda, e que deveriam ter recebido em novembro do ano passado, até o mês passado não receberam o pagamento.

Tudo isto mostra a grande necessidade dos trabalhadores se organizarem, para acabar com essas explorações. Os trabalhadores da fazenda Guataparã, como os das outras fazendas do município de Ribeirão Preto, devem sem perda de tempo, organizar seus sindicatos.

a) Alceu GONÇALVES

O FILHO DE GETULIO QUER EXPULSAR OS CAMPONESES DAS TERRAS EM QUE VIVEM

VINTE e três famílias camponesas, que ocupam as terras da Secretaria da Agricultura na Estancia Armour continuam sofrendo os maiores vexames e arbitrariedades.

Essas famílias foram ali chamadas pela demagogia eleitoral do PTB, mas finadas as eleições os demagogos Camilo Gissler e Maneco Vargas tiraram o corpo fora. Maneco, filho de Getúlio, foi o «pai» dessa «reforma agrária» e agora é o inspirador de todas as arbitrariedades para desalojar as famílias, tendo já mesmo obtido despejo



judicial, cuja execução ainda não foi totalmente consumada por causa da luta dos camponeses.

Esses camponeses, além, da seca que vêm sofrendo, tiveram agora todo o arame retirado pelas autoridades, que levam o arame para o «campo de cooperação». Assim as lavouras estão todas sem arame.

O preposto de Maneco, um tal de Gida, que tem o privilégio de alugar pastagens a tropas e carreteiros, vive fazendo arbitrariedades. Há tempos, com o engenheiro, a serviço de Maneco, fez invadir as lavouras por uma tropa de gado. Agora inventou de privar de água o camponês Agripino Furtado, que tem uma cacimba. Gida tentou fechar a porteira que dá passagem à cacimba. Mas dessa vez o vilão saiu-se mal, pois, o camponês Agripino «corrigiu-o» com exemplar surra de relho, que liquidou a valentia de Gida. Do Correspondente — Livramento — Rio Grande do Sul.

Posta Restante

AGENTE DE SOROCABA — Recebemos exemplar do volante sobre «Uma experiência de Sorocaba». Sugerimos

que o amigo inclua entre as medidas para regularização e aumento da circulação da VOZ OPERÁRIA nessa cidade, figurando inclusive no concurso estabelecido, o envio de correspondência de empresa para a seção «Voz dos Leitores».

SERRANA — Correspondente Rocha — Recebemos sua carta sobre os acontecimentos de Martinópolis. Qual o nome dos trabalhadores espancados? Qual o nome do menor apressado junto com o cachorro feroz? Por que foram os trabalhadores espancados; prende-se o fato a alguma luta reivindicatória? Que usina é? De açúcar, de eletricidade ou de beneficiar cereais? As informações que nos envia são insuficientes para a publicação da notícia. Envie com urgência o que solicitamos, pois a denúncia é deveras muito grave.

LOURADOS — Mato Grosso — Lector O. Ribeiro. Recebemos sua carta. Sabemos que há uma situação aflitiva para os posseiros da região de Bucaria os quais lutam contra grileiros. Solicitamos que se informe e nos escreva a fim de denunciarmos pelas colunas da VOZ OPERÁRIA os crimes contra os camponeses.

SÃO PAULO — Jonas C. — artigo intitulado: Um retrato vivo do passado e uma verdadeira realidade do presente.

SÃO PAULO — José Sá — Carta sobre a defesa do Prestes.

SÃO PAULO — Um exemplar do jornal de empresa «ENERGIA», dos operários da Light.

PARAGUAÇU PAULISTA — Carta de Jovino Silva, acompanhada de fotografias do autor e sua esposa, a respeito de coleta de assinaturas.

SÃO PAULO — Carta de Nazareno Ciavata, sobre desemprego no setor de transportes rodoviários.

ANAPOLIS — GOIAS — Carta de Patrocínio Henrique dos Santos sobre problemas do campo, acompanhada de fotografias do autor.

ITANHAEM — E. S. Paulo — artigo de Inácio de Souza, intitulado «Getúlio, inimigo dos camponeses».

RIO CLARO — E. S. Paulo — Correspondência de Antenor Lalló em homenagem a Prestes pelo seu 56º aniversário.

ARTIGO de Joaquim Neves, intitulado: «A verdade não tem fronteiras».

MARIALVA — Norte do Paraná — Correspondência de José V. Oia sobre aumentos dos impostos.

COTA DE SANTA CATARINA

No número 23º de VOZ OPERÁRIA publicamos a carta do velho pintor de Tubarão (Santa Catarina), Anastácio Gago Filho, em que esse artista, a quem tocou profundamente o apelo de Prestes em prol da campanha de ajuda à Imprensa Popular enviava por nosso intermédio a contribuição do Cr\$ 9.972,50.

Assim sendo, a cota remetida por Sta. Catarina atinge o total de Cr\$. 16.472,50 e não de Cr\$. 6.500,00 como havia sido publicado em virtude de um engano.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA F SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712
SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sael
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:
VOZPERA
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
N. avulso	1,00
N. atrasado	1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

Há Doze Anos a U.R.S.S. E' o Baluarte da Unidade Alemã

(Reportagem retrospectiva)

QUASE nove anos se passaram desde que, sob os golpes do Exército Soviético, as forças armadas da Alemanha tiveram de render-se incondicionalmente aos Estados participantes da coligação anti-hitlerista. Entretanto, até agora, não foi possível ao povo alemão obter nem tratado de paz, nem a unificação democrática de sua pátria, nem a retirada das tropas de ocupação estrangeira. De sorte que essa situação anômala retire-lhe o exercício da plena independência e envenena toda a situação européia que não pode alcançar estabilidade sem a livre existência da nação mais populosa da Europa ocidental, aquela que por sua riqueza e capacidade industrial está destinada a desempenhar um papel decisivo em todos os acontecimentos da vida continental.

A responsabilidade por tal estado de coisas recai exclusivamente sobre as grandes potências ocidentais — Estados Unidos, Reino Unido e França — que romperam todos os compromissos destinados à consecução de uma paz justa e democrática e pretendem impor ao povo alemão uma paz imperialista, em benefício dos grandes monopólios americanos, britânicos, alemães, e franceses que, por duas vezes no espaço de uma única geração, lançaram a Europa e o mundo em guerras mundiais, levando à morte dezenas de milhões de pessoas e agravando as condições de vida de centenas de milhões de outras.

Diferentemente, a U.R.S.S. defendeu sempre os interesses da paz na Europa e no mundo, e os legítimos direitos do próprio povo alemão.

Essa firme posição soviética, baseada

nos invioláveis princípios de respeito ao direito de auto-determinação dos povos e de não ingerência na vida dos Estados influuiu de maneira decisiva em todo o curso da guerra, obrigando os dirigentes imperialistas dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França a mascararem seus vis objetivos de escravizar o povo alemão.

AS CONFERÊNCIAS DE POTSDAM E IALTA

As decisões de Ialta, em fevereiro de 1945, refletiram o ponto de vista soviético, amparado pelos democratas de todo o mundo, de que «seria ridículo identificar a camarilha de Hitler com o povo alemão, com o Estado alemão» (Stálin, fevereiro de 1942). Por isso, nas resoluções de Ialta, as potências principais da coligação anti-hitlerista estabeleceram: «O nosso objetivo irrevogável é o aniquilamento do militarismo alemão e do nazismo e a criação de garantias no sentido de que a Alemanha não esteja nunca em condições de violar a paz de todo o mundo», garantindo-se, ao mesmo tempo, o direito de o povo alemão criar uma Alemanha nova, democrática e pacífica, para ocupar o lugar de destaque que lhe compete na Comunidade das Nações.

Na Conferência de Potsdam, realizada logo após a vitória, os mesmos princípios foram repetidos: desarmamento total e desmilitarização da Alemanha, supressão do

partido fascista e militarista; reconstrução da vida política alemã numa base democrática e pacífica a fim de que a Alemanha pudesse posteriormente cooperar na vida internacional.

Os Acordos de Potsdam estabeleceram os princípios da unidade política e econômica da Alemanha e sua administração como um todo único. «A Alemanha deve ser considerada como um todo único no período de ocupação», diz o item 4.

Dessa maneira, a política soviética ressaltou os direitos inalienáveis do povo alemão e assegurou-lhe a manutenção da unidade nacional, numa base pacífica e democrática. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França que haviam planejado diferentes esquemas para o desmembramento da Alemanha (separação da Baviera, etc.) tiveram de conformar-se, a contragosto, com as exigências de todos os povos.

Desenvolveram, porém, sistematicamente, uma política de violação desses compromissos, sob a direção dos meios reacionários norte-americanos que se apresentaram, abertamente, como os candidatos à hegemonia mundial.

OS TRÊS ROMPEM OS ACORDOS...

Não somente deixaram de liquidar os restos do nazismo em suas zonas de ocupação, como iniciaram, ainda em 1946, a espaldas do Conselho de Controle, a formar organismos bizonais, como o acordo entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha que fundiu as zonas britânica e americana, econômica e administrativamente, e que entrou em vigor em 1.º de janeiro de 1947.

Nesse ano, a política de divisão da Alemanha apresenta-se às escâncaras. Na Conferência de Paris (junho-julho) Molotov além de arrancar a máscara do Plano Marshall de escravização em pauta, acentuava que as potências ocidentais nada estavam fazendo para «acelerar o estabelecimento de um governo para toda a Alemanha o qual, mais que ninguém, estaria capacitado para resolver as necessidades do povo alemão». Indiferentes a essas advertências, e aprofundando os desentendimentos, os governos americano, britânico e francês assinaram, em separado, em setembro de 1947, um acordo sobre a bacia do Ruhr, passando por cima dos acordos obtidos na Conferência de Moscou (março-abril 1947) e todos os anteriores.

Em Moscou, como das outras vezes, Molotov, em nome da URSS, apresentou uma clara e pormenorizada proposta sobre a estrutura do Estado alemão e sua unidade econômica e política.

O Plano Marshall, como se sabe, só serviu para reforçar a política de dominação da Europa, por parte dos monopólios americanos e acelerar a divisão da Alemanha cuja unidade sofreu fundos golpes, em 1948.

... E CINDEM A ALEMANHA

Eles se iniciaram com a Conferência de Londres, entre os Estados Unidos, Reino Unido e França, que, a 7 de junho proclamaram a decisão de constituir um governo único para suas três zonas e determinaram a convocação de uma «assembleia constituinte». As potências ocidentais encaminharam-se, portanto, abertamente, para a liquidação das Conferências de Ministros do Exterior das Quatro Potências, previstas em Potsdam, e para a cisão ainda mais grave da Alemanha. Não se contentaram com isso, porém. Dias depois (18 de junho) a reforma monetária que decretaram, em separado, para a trizona, culminou a cisão e ergueu uma barreira entre a Alemanha escravizada do Oeste e o resto do país. Tal foi a origem da chamada «questão de Berlim».

A CRISE DE BERLIM

Como se sabe, a administração conjunta da Grande Berlim é inseparável da administração conjunta de toda a Alemanha. Mas os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, não somente se arrogaram o direito de administrar sepadamente suas três zonas como insistiram em continuar na direção de Berlim, encravada na zona soviética e economicamente parte dela. Laços seculares estabelecidos entre o povo alemão foram, abruptamente cortados pela reforma mone-



tária das potências ocidentais que obrigaram, dessa maneira, o povo alemão a comerciar entre si como entre povos diversos, servindo-se de duas moedas diferentes. Lançando sua nova moeda na zona soviética e na Grande Berlim, os Estados Unidos, o Reino Unido e a França procuraram desarticular a vida econômica da Alemanha democrática, o que exigiu medidas enérgicas por parte das autoridades soviéticas, clinicamente acusadas pelas três potências de decretarem uma cisão em Berlim.

DUAS POLÍTICAS

O comunicado das «Otto Potências» nunca diretamente atingidas pela Alemanha nazista no curso das últimas guerras, entre as quais a URSS, definiu, perfeitamente (25/6/48) a política de violação dos compromissos e defendeu o direito de a Alemanha alcançar rapidamente um Tratado de Paz, o direito à industrialização, à unidade e à democracia. Insistiu, portanto, pela solução pacífica do problema alemão.

Essa política, como vimos, não era nova. No próprio ano anterior, em 1947, a URSS apresentara nas Conferências de Londres e Moscou propostas relativas ao tratado de paz com a Alemanha, à instituição de departamentos econômicos centrais, à formação de um governo central, democrático e pacífico «medida necessária para o restabelecimento da unidade política e econômica da Alemanha».

Paralelamente, logo após a Conferência de Londres, criava-se a chamada «União Ocidental», patrocinada pelos Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha, numa típica política agressiva contra os países democráticos. Da União Ocidental saiu, mais tarde, o famigerado «Pacto do Atlântico», peça mestra de toda a política americana de nossos dias, voltada para o desencadeamento de uma nova guerra mundial.

A formação da República Democrática Alemã, a 7 de outubro de 1949, constituiu um marco na história da Europa, deu nova base à luta de todo o povo alemão por sua liberdade, democracia e paz, e vibrou um contra-golpe na política belicista dos imperia-

lisando-se sistematicamente a qualquer acordo internacional, pisoteando os tratados solenemente assinados, e os direitos dos povos, os arquimilionários americanos e seus lacaios assinaram, finalmente, em 1952, o chamado «Tratado Geral» de Bonn, em 26 de maio de 1952 e passaram a fazer da Alemanha hitlerizada de Adenauer a coluna vertebral de sua política de destruição do continente europeu, incorporando-a à C. E. D. e recusando discutir o projeto de tratado de paz apresentado pelo Governo Soviético, a 10 de março de 1952, e cujas propostas fundamentais foram reiteradas por Molotov na atual Conferência de Berlim.

Tais são os fatos, a verdade irrecusável que manobra alguma consegue esconder: há doze anos a URSS defende a unidade do povo alemão, a paz e a democracia para a nação alemã. Só um obstáculo tem impedido desde o fim da guerra o pleno uso de seus direitos por parte do povo alemão e esse obstáculo é a política imperialista norte-americana, de completa violação dos acordos existentes e de desencadeamento de nova guerra mundial.

Essa guerra eles não puderam fazê-la até agora, graças à União Soviética que encabeça o invencível campo da paz. Do mesmo modo, não poderão impedir que os alemães desempenhem seu papel histórico e exerçam, unidos, num Estado democrático e pacífico, seus direitos soberanos ao lado de todos os povos livres.



Na Conferência de Potsdam, realizada após a guerra estabeleceram-se os princípios da unidade política e econômica da Alemanha como um todo único, no período de ocupação. A URSS ressaltou os direitos inalienáveis do povo alemão e assegurou-lhe a manutenção da unidade nacional numa base pacífica e democrática.



Em fevereiro de 1945 reunem-se em Ialta os três grandes — Stálin, Roosevelt e Churchill — chefes das principais potências da coligação anti-hitlerista. Nesta importante reunião ficou traçado o aniquilamento do militarismo alemão e a criação de garantias no sentido de que a Alemanha não pudesse violar a paz, garantindo-se ao povo alemão o direito de criar uma Alemanha nova, democrática e pacífica.

Em marcha para o comunismo

A Agricultura Soviética no Caminho Traçado Pelo Comitê Central do P.C.U.S.

NOS ÚLTIMOS vinte e oito anos, a produção de artigos de consumo popular aumentou na U.R.S.S. aproximadamente em 12 vezes. Não obstante, a agricultura e as indústrias leve e alimentar ainda não satisfazem inteiramente a procura, em continuo e impetuoso crescimento, da população soviética. O aumento dos salários e as sucessivas rebaixas de preços elevaram consideravelmente a capacidade aquisitiva dos trabalhadores da União Soviética que a cada dia que passa compram maior quantidade de alimentos, roupa, calçado, móveis e utensílios domésticos.

A U.R.S.S. conta com uma poderosa indústria pesada, o que permitirá reequipar rapidamente os ramos industriais chamados a satisfazer as crescentes necessidades do povo e conseguir um ascenso vertical de todos os ramos da agricultura, fonte de viveres para a população e de matérias primas para a indústria leve. O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética elaborou o programa que deve orientar tal ascenso. O objetivo fixado é conseguir, durante os dois ou três anos próximos, um aumento da produção que permita melhorar de muito o abastecimento da população em viveres e artigos industriais da melhor qualidade.

Dai o povo soviético manifestar tanto interesse pelo desenvolvimento da agricultura e da pecuária. Tanto os trabalhadores do campo, como os que funcionam em centros de investigação científica, obtêm novas variedades de plantas, novas raças de gado; projetistas e operários constroem máquinas de elevado rendimento que tornam mais fácil o trabalho dos colcosianos. Estudam-se novos processos para melhorar o cultivo agrícola e a adubação do solo.

MILHARES DE TÉCNICOS SÊGUEM PARA O CAMPO

Milhares e milhares de especialistas qualificados, atendendo com entusiasmo ao apelo do Partido, passaram a trabalhar no campo. Cerca de 100 engenheiros e peritos da Fábrica de Tratores de Stalingrado se ofereceram para trabalhar nas empresas agrícolas da região. Os mais qualificados, como V. Storozhenko, sub-chefe da seção de forja, e o engenheiro E. Vrublevsk, foram nomeados diretores de estações de máquinas e tratores. Mais de dois mil engenheiros agrônomos, veterinários, tratoristas, ajustadores e mecânicos das cidades do Altai se incorporaram ao trabalho no campo.

Com o auxílio dos especialistas vindos das cidades, os colcoses podem preparar melhor do que antes a faina da primavera. Tanto nos colcoses, como nos sovcozes e nas estações de máquinas e tratores está sendo revista e aperfeiçoada a organização do trabalho. As estações de máquinas e tratores constroem oficinas, garagens, depósitos e grupos residenciais para os mecanizadores da agricultura. As moradias são construídas por conta do Estado, e todos os que querem possuir casa própria gozam de facilidades de crédito a longo prazo e recebem parcelas de terra, para que possam manter uma pequena produção auxiliar, de caráter individual. Por outro lado, noventa e seis escolas su-

periores, onde estudam 122.000 pessoas, estão preparando especialistas para a agricultura soviética. Aumenta o número de estudantes nas faculdades de mecanização e eletrificação, ao tempo em que instalam-se novas faculdades para formar engenheiros-mecanizadores da agricultura.

NOVAS E POTENTES MÁQUINAS AGRÍCOLAS

As empresas das indústrias química e metalúrgica já aumentaram a produção de adubos minerais; as fábricas de maquinaria estão ampliando a de máquinas agrícolas.

Nos campos da U.R.S.S. funcionam 969.000 tratores (com uma potência de 15 HP unidade) e 255.000 colheadeiras combinadas de cereais. As máquinas dispõem hoje de amplo campo de ação na agricultura soviética, o agrupamento dos pequenos colcoses oferecendo vastas possibilidades para a monocultura, uma vez que hoje em dia cada colcoso unificado dispõe, em média, de 1.693 hectares de terras de lavradío.

Atualmente, a agricultura colcosiana necessita, principalmente, de máquinas para o cultivo de plantas industriais, hortaliças e batatas, bem como de máquinas para mecanizar o trabalho nas granjas de gado. Relativamente ao plano de 1953, a produção dessas máquinas aumentará de duas a sete vezes em 1954-55. Organiza-se e desenvolve-se a fabricação de colheadeiras de batatas, de plantadoras de legumes, de máquinas para a sementeira quadrangular em ninhos da batata, método esse de grande eficácia descoberto pelos cientistas soviéticos. Breve contar-se-á igualmente com máquinas especializadas para semear beterraba açucareira pelo mesmo processo, assim como elevadoras, empilhadoras de feno e colheadeiras de tubérculos e raízes para a alimentação do gado. As fábricas não tardarão a produzir máquinas combinadas para secar erva, segadoras que carreguem diretamente a erva em caminhões e instalações para preparar-se mecanicamente a ração, nas granjas de gado. Fabricam-se também novas instalações de chuva artificial e uma ensiladora combinada com uma capacidade de produção de oitenta toneladas por hora.

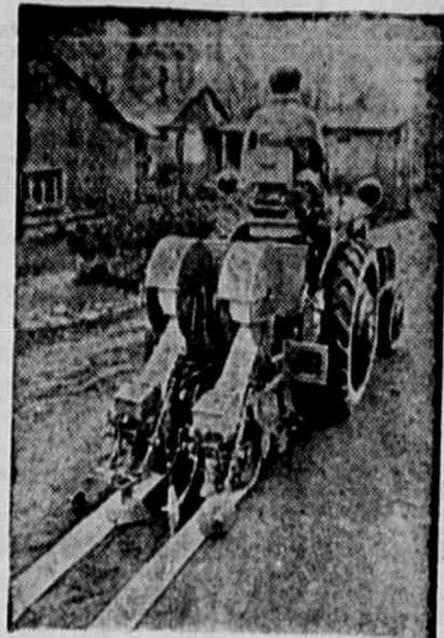
Até o 1º de Maio de 1957, a agricultura da U.R.S.S. disporá, no mínimo, de 500.000 tratores de tipo comum (capacidade de 15 HP por unidade) e 250.000 tratores especiais que se somarão aos 108.000 já existentes nos campos do país em meados de 1953.

SOLICITUDE PELO POVO: A LEI SUPREMA NA U R S S

O Partido Comunista e o Governo Soviético tomaram medidas eficazes a fim de aumentar o interesse econômico dos colcoses e colcosianos pelo fomento de todos os ramos da agricultura. Concretamente, foram elevados os preços de compra pelo Estado dos produtos agrícolas — sem que se aumentassem, no entanto, os preços de venda a varejo, — diminuíram-se as normas de venda obrigatória dos referidos produtos ao Estado e diminuiu-se para a metade, em média, o imposto agrícola pago pelos colcosianos, pe-

los operários e empregados que mantêm uma produção auxiliar e individual, sendo que eles foram eximidos, além disso, do pagamento de todos atrasados.

O ano de 1954 será sem dúvida, para a agricultura soviética, um ano de grandes colheitas, de melhoramento do trabalho dos colcoses e sovcozes, de nova elevação do bem-estar do povo. Toda a atividade do Governo Soviético e do Partido Comunista da União Soviética se orienta para a máxima satisfação das necessidades materiais e culturais, sempre crescentes, dos cidadãos soviéticos, porque o bem do homem é a prosperidade do povo são a lei suprema na U.R.S.S.



Semeadeira sobre chassis construído pelo Instituto de Investigação Científica de Maquinaria Agrícola da URSS

NADA PÔDE DETER A ARRANCADA Vitoriosa Dos Grevistas do Carvão

(Texto baseado nas notas e telegramas enviados pelo nosso correspondente)



Assim vivem os mineiros nas galerias que a cada instante ameaçam ruir. A silicose corroe os seus pulmões. Sem proteção alguma do governo os mineiros ainda são submetidos ao terror policial quando lutam por um salários menos miserável.

Após vigorosa greve, acabam de sair vitoriosos os trabalhadores das minas de Crescluma. Em vão, os patrões e o governo de Getúlio tentaram quebrar o ânimo dos mineiros, ora por manobras protelatórias, ora implantando o terror nas minas e nos lares. Os operários conquistaram, por força de sua unidade e combatividade, o aumento de 40 por cento que exigiam e o pagamento em prestações dos atrasados de novembro e dezembro.

OS MINEIROS ESCOLHERAM O CAMINHO DA GREVE

Há 3 meses vinham os mineiros sendo ludidos. O aumento fora prometido para 23 de dezembro. Depois prometeram para 29, com a agravante de que o dinheiro só viria se saísse o Plano de Carvão, plano este que não se espera estar aprovado antes de fins de 1954. Enquanto isso, os mineiros continuavam passando fome com os salários de apenas 900 a 1.100 cruzeiros no horário normal de trabalho o que os forçava a trabalhar mais 3 ou 4 horas diariamente para conseguir a insignificância de 1.500 cruzeiros.

Entretanto como se comportam as empresas de mineração? Seus lucros são enormes. Para só citar poucos exemplos, a Cia. Nacional de Mineração de Carvão Barro Branco aumentou em janeiro último o seu capital de 4 milhões de cruzeiros para 6 milhões e 400 mil; a Cia. Carbonífera de Araranguá mais que duplicou seu capital; de 3 milhões passou para 7 milhões e 300 mil cruzeiros.

Diante disso, e não mais suportando a intransigência

dos donos das minas e do Ministério do Trabalho que mantém no sindicato uma junta de pelegos que negava os pedidos de assembleia para discutir aumento de salários e demais reivindicações, os mineiros escolheram o caminho da greve.

PRISÕES E ESPANGAMENTOS

Na madrugada de 12 de janeiro, após se certificarem de que o seu pagamento não viera acrescido dos 40 por cento, os 600 trabalhadores da mina Metropolitana encetaram uma grandiosa marcha em direção às outras minas, sob uma chuva torrencial, a fim de obter a adesão dos seus companheiros. Entoavam o seguinte estribilho:

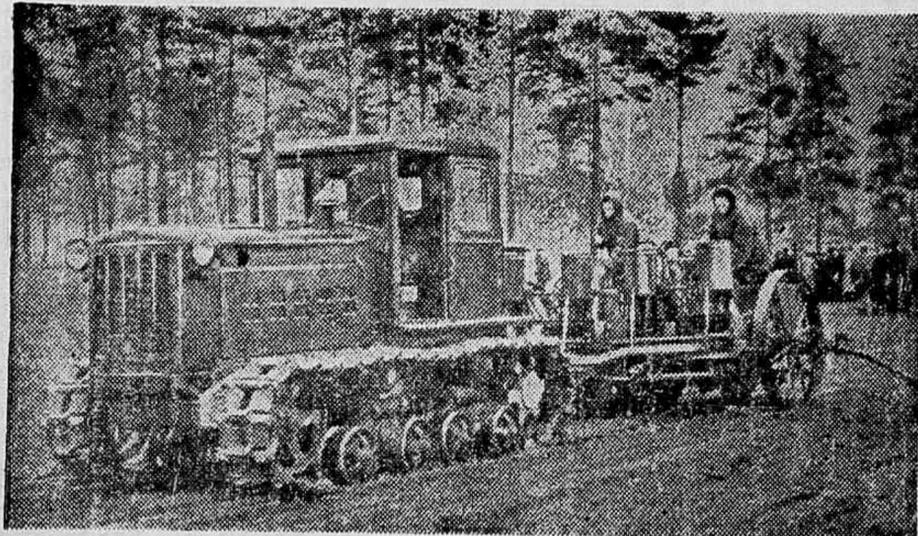
*«Eu nasci para grevia
cala a boca Etevínia
Paga o aumento
que amanhã vou trabalhar»*
Ante a greve que se propagava a Junta foi forçada a conceder assembleia no Sindicato onde compareceram centenas de grevistas. Os patrões vieram com a proposta de só darem o aumento de salários quando fosse aumentado o preço do carvão. Tal

proposta não foi aceita, ficando os patrões e o representante de Jango Goulart de apresentarem uma esolucão definitiva no dia 21».

Eles queriam ganhar tempo. A solução que o governo de Getúlio deu aos mineiros foi expressa naquela ação brutal e violenta da polícia. Mais de 100 policiais sob o comando do delegado da polícia política, o fascista Coronel Trogilo de Melo calaram sobre a população de Crescluma, em flagrante desrespeito aos direitos constitucionais, espancando com selvageria os trabalhadores, prendendo cerca de 70 grevistas.

NADA IMPEDIU A VITÓRIA

Se pensavam com isso, fazer fracassar a greve, cedo se desiludiram. Muitos líderes destacados foram aprisionados mas seu moral não foi abatido. Os trabalhadores declararam que não voltariam ao trabalho enquanto houvesse mineiros presos e não fosse concedido o aumento de salários. O governo de Getúlio e Irineu Bornhausen transformaram a cidade dos mineiros em praça de guerra mas com isso não conseguiram fazer parar a marcha triunfante dos operários pela conquista do bem-estar e da liberdade, para a vitória que conquistaram.



A máquina "SKG-4" para sementeira quadrangular de batatas em covas, que juntamente com a semente deposita adubos minerais nas covas.

Terra Aos Que a Trabalham

“O Brasil necessita de outro govêrno, de um govêrno efetivamente do povo, capaz de defender os interesses da maioria esmagadora da nação.

“Este govêrno do povo será capaz de liquidar os restos feudais e os grandes latifúndios e assegurará a distribuição gratuita da terra aos camponeses e a todos que desejam viver do trabalho agrícola.”

(Trechos do Programa do P.C.B.)



A TERRA NO BRASIL ESTÁ NAS MÃOS DE UMA MINORIA DE LATIFUNDIÁRIOS

- ★ 62.000 propriedades apenas, com mais de 200 alqueires, representando menos de 4 % do número total das propriedades, dominam 60 % das terras de tôdas as propriedades agrícolas.
- ★ Enquanto isto, um milhão e 900 mil propriedades, representando mais de 96 % do total de propriedades, ocupam somente 40 % da área de tôdas as propriedades.
- ★ Cêrca de nove milhões de camponeses não têm nenhuma terra, sendo obrigados a trabalhar em terra alheia, sem quaisquer direitos.

O Latifúndio, Causa do Atraso do País e da Miséria de Nosso Povo

- ★ O latifúndio impede o aproveitamento das terras. A área utilizada na exploração agrícola em nosso país não vai além de 7% da área de tôdas as propriedades, ou 1,5% da área total do Brasil.
- ★ Nos latifúndios são empregados os mais atrasados métodos de cultivo da terra. A enxada é ainda o instrumento de trabalho que predomina no campo em nosso país.
- ★ As propriedades latifundiárias são as que menos produzem. Os latifúndios com mais de 400 alqueires, representando 48% das terras de tôdas propriedades, contribuem com 10% apenas da produção agropecuária do país.
- ★ O regime latifundiário entrava o desenvolvimento do comércio e o progresso da indústria, mantendo milhões de camponeses na mais extrema miséria, e sem poder comprar um mínimo de bens indispensáveis a uma existência digna.
- ★ Nos latifúndios, milhões de camponeses são obrigados a entregar o fruto de seu trabalho sob a forma de meia ou de terça e estão sujeitos à obrigatoriedade do trabalho gratuito, ao não pagamento em salários, aos juros de usura, etc.
- ★ O regime latifundiário é a base em que se apoiam os monopolistas norte-americanos para dominarem o Brasil.

A REFORMA AGRÁRIA BENEFICIARÁ A MAIORIA ESMAGADORA DA NAÇÃO

- ★ Os camponeses sem terra terão a terra, gratuitamente.
- ★ Os camponeses com pouca terra receberão a quantidade de terra de que precisem.
- ★ Os camponeses médios e ricos ficarão livres da opressão dos latifundiários e terão garantida legalmente a sua propriedade.
- ★ Serão anuladas as dívidas dos camponeses para com os latifundiários, os usurários, os bancos, o govêrno e as companhias norte-americanas. O Estado democrático popular concederá crédito fácil e barato, assegurará a mais ampla ajuda técnica aos camponeses e garantirá preços mínimos compensadores para os produtos agrícolas e pecuários.
- ★ Os camponeses terão reconhecidas como suas as bases e as terras que ocupam, recebendo o correspondente título legal de sua posse.
- ★ Os assalariados agrícolas passarão a receber salário suficiente, não inferior aos operários industriais não especializados, e os benefícios da legislação social.
- ★ A burguesia nacional será beneficiada porque se elevará o nível aquisitivo de milhões de consumidores, ampliando-se o mercado interno e possibilitando o desenvolvimento do comércio e da indústria.
- ★ A Reforma Agrária beneficiará, enfim, a todo o povo porque desenvolverá a produção e criará a fartura no país. Será um fator decisivo para o progresso material e o florescimento cultural do povo brasileiro.

LUTEMOS PELO GOVÊRNO QUE DARÁ A TERRA AOS CAMPONESES

O GOVÊRNO DE VARGAS REPRESENTA E DEFENDE OS INTERESSES DOS LATIFUNDIÁRIOS. HÁ MAIS DE TRÊS ANOS, VARGAS FALE EM “REFORMA AGRÁRIA”, MAS É APENAS PARA ENGANAR OS CAMPONESES. SÓ UM GOVÊRNO DO POVO, O GOVÊRNO DEMOCRÁTICO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, SERÁ CAPAZ DE REALIZAR UMA VERDADEIRA REFORMA AGRÁRIA, DE PÔR EM PRÁTICA AS MEDIDAS ESTABELECIDAS NO PROGRAMA DO P.C.B..

PARA ISTO É PRECISO QUE OS CAMPONESES INTENSIFIQUEM A SUA LUTA CONTRA OS LATIFUNDIÁRIOS E PELA POSSE DA TERRA, E, EM ALIANÇA COM A CLASSE OPERÁRIA E AO LADO DE TÔDAS AS FORÇAS PROGRESSISTAS DA NAÇÃO, LUTEM PELA DERRUBADA DO GOVÊRNO DE VARGAS E PELA VITÓRIA DO GOVÊRNO DEMOCRÁTICO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

Dia 14 um Encontro Cultural Da Intelectualidade Brasileira

Entre 14 e 21 do corrente, personalidades das mais destacadas do mundo cultural brasileiro, se reunirão no Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais.

Pela primeira vez em nossa história, um conclave cultural reúne para o debate dos problemas comuns intelectualidade tão representativas e numerosas figuras do mundo das letras e das artes em nosso país.

O fato, que por si só reflete a disposição da intelectualidade brasileira de lutar em defesa da cultura nacional e pelo seu amplo desenvolvimento, de combater todos os fatos de desnacionalização e os obstáculos que impedem seu livre desenvolvimento.

A convocatória do Congresso precisa desses objetivos como o primeiro ponto do seu programa, seguindo-se como temas centrais para o debate o intercâmbio cultural com todos os povos e os problemas éticos e profissionais dos intelectuais.

GRANDE REPERCUSSÃO

A oportunidade de tão importante encontro de idéias no debate comum dos problemas da cultura e dos intelectuais despertou, desde o lançamento da iniciativa, excepcional interesse em todo o país. Centenas de assinaturas de personalidades das mais ilustres dos meios culturais de vários Estados, aparecem já por ocasião do lançamento da convocatória que continuou recebendo adesões, elevando-se atualmente a mais de 800 o número de assinaturas apostas ao documento.

Entre as ilustres personalidades que deram seu apoio ao Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, figuram: o dr. Xavier Pinheiro, presidente da Comissão Organizadora do Congresso, Alceu Galvão Velasco, magistrado; Pelegrino Junior, Oswaldo Orico, Anibal Machado, Murilo Araújo, Prof. Fernando Azevedo, Maestro Camargo Guarnieri, Guilherme de Almeida, Aureliano Leite, Maestro José Siqueira, Cineasta Alberto Cavalcanti, atrizes Maria Della Costa, Mariana Prado, Iva Todor e Ruth de Souza; escritor e cientista Josué de Castro; Aurélio Duarte de Holanda, Djanira da Mota e

Silva, Eno Silveira, Joaquim Cardoso, Joracy Camargo, Jordão de Oliveira, Jorge Amado, José Góttica, José Siqueira, Percy Deane, Portinari, Raymundo Magalhães, Rodolfo Mayer, Santa Rosa, Sosigenes Costa, Abílio Pereira de Almeida, Afonso Schmidt, Alberto Puschel, Alfredo Volpi, Altéia Alimonda, Bruno Giorgi, Camargo Guarnieri, Guerra Peixe, Helena Silveira, José Geraldo Vieira, Lima Barreto, Procópio Ferreira, Rebozo Gonzalez, Sérgio Milliet, Bueno de Rivera, prof. João Libanio de Noronha Soares, Prof. Edgar Godoy da Mata Machado, Eduardo Frierio, Emilio Moura, Fausto Teixeira, Prof. Puy de Souza, E. Vinholes, Demétrio Ribeiro, Edgar Greff, Reynaldo Moura, Heron de Alencar, José Pancetti, Mário Cravo Jr., Silvio Rabelo, João Cabral de Melo, Cesário de Melo, Aderbal Jurema.

São intelectuais dos mais diversos setores do pensamento nacional, representantes de variadas tendências filosóficas, de diferentes entidades culturais e acadêmicas, que no encontro de Goiânia debaterão os problemas da cultura nacional e da intelectualidade brasileira.

UMA FESTA DA CULTURA BRASILEIRA

No ato dos preparativos do Congresso, realizam-se vários Estados conferências,

reuniões, mostras de arte, pesquisas, no sentido de fazer do certame não só uma

reunião de debates teóricos em torno dos problemas da cultura e da intelectualidade



BARCOS DE PESCA — Gravura de Maria Laura Radspiegel

de, mas, também, uma verdadeira festa da cultura brasileira.

A Comissão de Artes Plásticas do Congresso, sob a direção de Frei Nazareno Confaloni, Prof. Riter e Prof. Luiz Curado, prepara cuidadosamente duas grandes exposições: uma de artistas nacionais, para o que foram convidados centenas de artistas plásticos de todo o país e outra de arte popular e religiosa de Goiás, para a qual já foram coletadas mais de cem obras. Além disso, os intelectuais goianos preparam-se para brindar os congressistas com representações de canto, poesia, e músicas populares, que conta-

ção com a colaboração das delegações dos Estados.

Nesta Capital realizou-se, em função do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, uma mostra de arte

no saguão da Câmara Municipal e, posteriormente, uma exposição de gravuras, desenhos e aquarelas, no salão do Diretório da Escola de Belas Artes.

UM CONGRESSO DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Assim será o Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais: um conclave da criação artística do povo brasileiro, pelo que ele tem de mais representativo de seus anseios de cultura e progresso intelectual.

Em Goiânia hão de refletir-se os anseios pelo desenvolvimento independente da cultura brasileira, pela elevação do nível cultural do nosso povo e a preservação do tesouro artístico e cultural dos nossos antepassados.

Por todos os motivos, o Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais marcará uma nova fase na luta em que se empenham os intelectuais brasileiros em prol do florescimento da cultura nacional.

Vigoroso apoio dos trabalhadores à Convenção Pela Emancipação Nacional

DESENCADEIAM-SE em todo o país, vigorosas lutas por aumento de salários e contra a carestia, por condições de vida mais humanas. Trabalhadores em bebidas, tranviários, operários do açúcar, no Distrito Federal, mineiros de Cresciúma entram em greve geral. Todos os setores de trabalho unem-se e se organizam, dispostos a combater a política de fome e de opressão do governo de Getúlio.

COMBATER AS CAUSAS DA MISÉRIA E DA OPRESSÃO

Do mesmo tempo que combatem a exploração, os trabalhadores vêem que não basta a simples luta por aumento de salários. Eles buscam combater as causas da miséria e da opressão em que vivem.

Agrava-se a situação econômica e social em consequência da penetração crescente do imperialismo americano em nossa terra. Os interesses norte-americanos obtêm cada vez maiores concessões do governo de Getúlio, arrancam somas fabulosas em forma de lucros máximos que exportam para os Bancos de Wall Street.

O governo lança mão de empréstimos armados a juros extorsivos que recaem sobre os ombros do povo. Bilhões de cruzeiros são emitidos anualmente, agravando a inflação, o que significa mais carestia e redução do salário real. Os imperialistas lançam liquidação nossa indústria e a agricultura, roubam nossas riquezas minerais e, através da Light e da Bond and Share, impõem o racionamento de energia elétrica. Toda a política de Getúlio é dirigida no sentido de favorecer os interesses do imperialismo americano que visa reduzir nossa pátria a condição de colônia e transformar os brasileiros em escravos.

OS SINDICATOS APOIAM A CONVENÇÃO

Com a Convenção pela Emancipação Nacional se apresenta uma grande oportuni-

dade para o debate dos problemas nacionais. As diversas classes e camadas do povo apresentarão suas opiniões, unidas pelo laço comum do ideal de verdadeira independência e progresso do Brasil.

Os trabalhadores entram em preparativos para a Convenção. Manifestam-se os sindicatos dos sapateiros, dos alfaiates, dos tranviários, têxteis, metalúrgicos. A União Nacional dos Servidores Públicos constituiu sua Comissão de Apoio à Convenção e busca lançar um Manifesto que até o presente já conta com 400 assinaturas, enquanto um vasto plano de finanças para custear as despesas e elaborado e começa a dar os primeiros resultados.

Assembléias sindicais votam apoio à Convenção. Numa movimentada assembléia dos metalúrgicos desta Capital, quando discutia a reivindicação de aumento de salários, um representante da Comissão Central de Convenção expôs os objetivos da Convenção perante os metalúrgicos. O apoio foi unânime. Semelhantemente ocorreu no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Além da manifestação de toda a assembléia, o secretário do Sindicato deu uma entrevista à «Imprensa Popular» reafirmando seu apoio e entusiasmo pelo grande acontecimento de abril do corrente ano.

Diretores dos sindicatos da Carris, dos Trabalhadores do açúcar, dos Tãfeiros, dos marceneiros, dos enfermeiros, dos moínhos, dos calçados, dos têxteis, da União dos Operários Municipais do D. Federal, da UNSP, além de delegados das fábricas Cruzeirois, Esperança e outras, assinam um Manifesto de apoio à Convenção.

INTENSA PROPAGANDA NAS SEÇÕES DA LIGHT

Dentre os setores que mais atividade têm desenvolvido, destaca-se o dos trabalhadores em carris urbanos do D. Federal. Duas conferências sobre a Convenção foram promovidas no Sindicato, uma delas pronunciada pelo deputado Lobo Carneiro. Foram eleitos 50 delegados representando as várias seções da empresa, muitos dos quais

já estão devidamente credenciados para participar do ato preparatório que precede a Convenção. Na Conferência houve animados debates, tendo todos os trabalhadores demonstrado grande interesse pela questão.

A delegação da Carris lançou um Manifesto aos seus companheiros, conclamando-os a se unirem em torno de suas reivindicações, a debaterem as teses, a apoiar a Convenção, discutir o Têmario nos locais de trabalho, a fim de que a classe operária influja poderosamente nas decisões a serem tomadas.

Os delegados em suas respectivas seções intensificam a propaganda da Convenção. É digno de nota o exemplo dado por Epifânio Braga, da 3a. seção. Diariamente reúne alguns companheiros e realiza uma ou mais palestras sobre a importância da Convenção, da necessidade da participação dos trabalhadores nesse conclave que coloca todos os problemas da classe operária na ordem do dia.

A Convenção — como acentuam os próprios trabalhadores da Light — representa um passo importante na luta de libertação de nosso país. Ela trará grandes benefícios para os trabalhadores e todo o povo que nada podem esperar desse governo que aí temos, que mente descaradamente, que vende a pátria aos imperialistas norte-americanos.

POR UMA EXPRESSIVA E VIGOROSA CONVENÇÃO

Nas empresas e sindicatos os operários defendem o seu direito ao trabalho e a uma vida digna lutam pela independência nacional e pelas liberdades democráticas, contra a opressão dos trustes e monopólios americanos que exploram e oprimem o povo e causam a ruína do nosso país.

Em reuniões, assembléias e debates — em todo o país, por meio de Comissões de apoio à Convenção no interior, nas fábricas e fazendas, abordando suas questões de maior interesse, os trabalhadores preparam-se para a Convenção pela Emancipação Nacional, grande passo à frente na luta pelo progresso e grandeza de nossa pátria e felicidade de todo o nosso povo.

O POVO JÁ DITOU A SENTENÇA

O traidor Túlio Régis do Nascimento, condenado por Getúlio como espião nazista, requereu "habeas corpus" no Supremo Tribunal Federal e já obteve, até agora, dois votos favoráveis.

Como Padilha e Melo Mourão, esse último, nomeado por Getúlio para um alto posto na COAP do Ceará, Túlio Régis enxovalhou a farda que vestia e entregou à sanha dos submarinos piratas os navios que navegavam sob nossa bandeira. Ficou exuberantemente provado, que Túlio Régis só pôde agir livremente graças à proteção que-lhe foi dispensada por outros fascistas notórios como o torturador Filinto Muller, chefe de polícia de Vargas. O voto memorável que foi a respeito proferido pelo general Manoel Rabelo no Supremo Tribunal Militar, não deixou a menor dúvida sobre o papel traidor do ex-capitão, assim como da ajuda que lhe foi dispensada, inclusive pelo Ministério da Guerra de Dutra.

A "justiça", agora, procura libertar Túlio. Mas que "justiça" é essa? Trata-se do mesmo Supremo Tribunal Federal que negou "habeas corpus" a Elisa Branco por defender a paz, dos mesmos juizes que há longos meses assistem impassíveis às violações dos direitos humanos e às torturas bárbaras postas em prática no processo contra os militares que, ao contrário de Túlio, honram o juramento que fizeram de defender a independência nacional. Trata-se da mesma "justiça" que processa Prestes e os dirigentes da luta e libertação nacional, embora as próprias leis do governo de Getúlio tenham anulado aquele processo.

Pode ser que, diante da indignação popular, certos homens honrados que ainda se encontram no Supremo Tribunal Federal obstem a tentativa de reabilitar o espião nazista iniciada por alguns ministros. É certo, porém, que nosso povo já condenou unanimemente os traidores como Túlio Régis, independentemente de qualquer "voto" dos ministros togados. E assim como, no passado, desbarato as fileiras do integralismo, impedirá novamente suas tentativas de rearticulação, na qual desempenha um papel importante a tentativa vergonhosa do ex-capitão a serviço do Eixo.